



Cannab cast: Podcast sobre a luta pela regulamentação da Cannabis e os seus benefícios para a saúde

Luiza Braga Passos

Orientador: Prof. Dr. Marcos Martins



**Luiza Braga Passos**

**Cannab cast**

Podcast sobre a luta pela regulamentação da Cannabis e os seus benefícios para a saúde

Trabalho de conclusão de curso de  
Graduação em Design apresentado à Escola  
Superior de Desenho Industrial UERJ

Orientador: Prof. Dr. Marcos Martins

Rio de Janeiro | 2022

### ***Agradecimentos***

Ao meu orientador pelos comentários construtivos e entusiasmo para a elaboração desse projeto.

À minha família por todo suporte e orientação nesse processo universitário, em especial, à minha mãe e avó.

Aos meus amigos de caminhada pelo apoio e paciência desde início de ESDI, em especial, à Thaís Sixe, Maria Luisa Ventura e Ana Clara Orichio.

À toda equipe da APEPI pela oportunidade de crescermos juntos e plantar uma semente transformadora nesse mundo, em especial à Adriana Hollós, Carol Freitas, Margarete Brito, Luiza Regis, Marcos, Gabriel e Luis.

Ao João Pedro, por entrar na minha vida e transverter tudo para melhor, obrigada por tudo.

## ***Resumo***

O tema deste estudo é o uso dos canabinoides. Tem como objetivo ampliar o acesso à informação qualificada sobre o uso da Cannabis, por meio da criação de um podcast, amplificando as vozes de mulheres, com seus relatos, depoimentos e memórias que possam contribuir para redução do preconceito e a desinformação contra a Cannabis.

É demonstrada a relação do preconceito com a planta e as questões de saúde pública envolvidas, por um ponto de vista político, social e econômico. Esse estudo analisa como a comunicação pode agregar na transformação da Cannabis no Brasil, onde vivenciamos uma cultura de massa que exclui certos indivíduos e nega as evidências científicas do canabinoides.

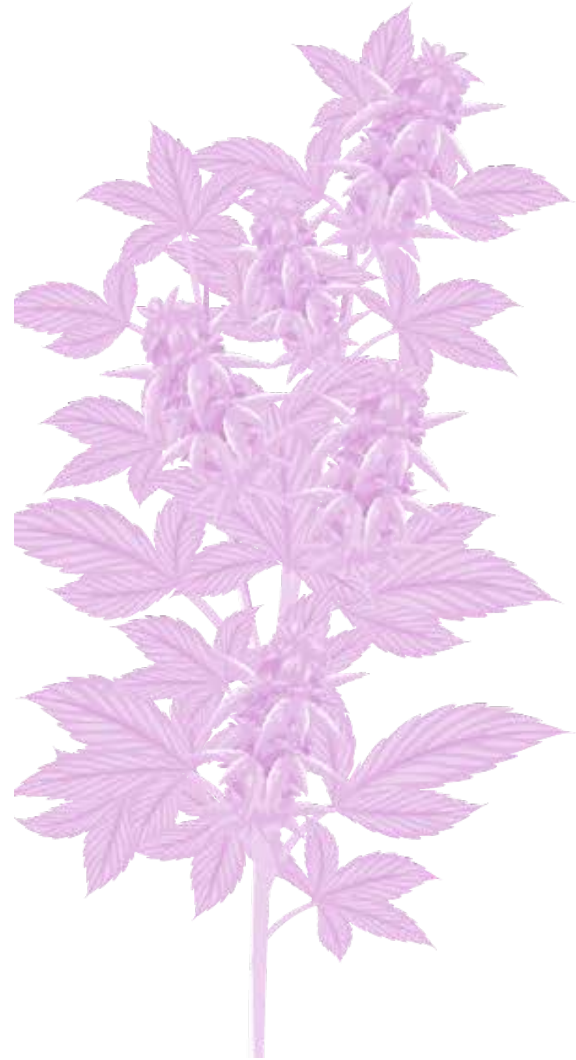
**Palavras-Chave:** Canabinoides. Cannabis. Mulheres. Saúde. Preconceito. Desinformação. Acesso à informação.

## **Sumário**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>1. BREVE HISTÓRIA SOBRE A CANNABIS .....</b>	<b>9</b>
1.1 Proibicionismo da Cannabis.....	11
1.2 Vias de administração dos canabinoides.....	12
1.3 Contexto atual da Cannabis no Brasil .....	13
<b>2 OPORTUNIDADE DE PROJETO.....</b>	<b>16</b>
2.1 Justificativa .....	18
2.2 Relevância do projeto .....	20
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>23</b>
<b>4 OBJETIVOS.....</b>	<b>26</b>
4.1 Objetivos específicos.....	26

<b>5 PÚBLICO ALVO</b> .....	27
<b>6 CONTEXTO</b> .....	28
6.1 Informar com educação inclusiva.....	30
6.2 Questionário com público geral.....	32
6.3 Pesquisa sobre Cannabis Medicinal.....	33
<b>7 PESQUISA DE SIMILARES</b> .....	35
<b>8 PROJETO GRÁFICO</b> .....	39
8.1 Marca.....	39
8.2 Esboço.....	44
8.3 Experimentações.....	45
8.4 Construção da Identidade visual do podcast.....	47
8.5 Construção da Identidade visual para o instagram.....	50
<b>9 DETALHAMENTO TÉCNICO</b> .....	55
<b>10 DEFINIÇÃO DE MÍDIA E FORMATO</b> .....	57
<b>11 CONTEÚDO DO PODCAST</b> .....	58
<b>12 RESULTADOS FINAIS</b> .....	59
12.1 Podcast para o Spotify.....	59
12.2 Perfil do podcast no Instagram.....	60
<b>13 DESDOBRAMENTOS FUTUTOS</b> .....	63
<b>14 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	64
<b>15 ANEXOS</b> .....	67

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os  
homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”  
(FREIRE, 1987, p. 70).



## INTRODUÇÃO

O tema deste estudo é o uso da Cannabis (maconha), que é uma planta do gênero monotípico pertencente à família Cannabaceae, e possui apenas uma única espécie reconhecida, com suas variedades ou subespécies (Small e Cronquist, 1976; UNODC, 2009; Small, 2015).

O interesse pelo tema da Cannabis deve-se ao meu estágio, ao longo do ano de 2021, na Associação de Apoio à Pacientes e Pesquisa de Cannabis Medicinal<sup>1</sup> - APEPI, quando tive a oportunidade de conhecer mais de perto os limites e os desafios relacionados ao uso medicinal da Cannabis. Uma questão que sempre me inquietou e que na APEPI comecei a descobrir parte da resposta, diz respeito ao racismo e à violência presentes nas abordagens policiais, em nome da Guerra às drogas, mas que quase sempre visam à população carente negra.

Reconhecendo que essa guerra não está restrita às grandes cidades e que este fenômeno está presente em todo o país, ainda assim optei pelo estudo e coleta de dados relativos à cidade do Rio de Janeiro, sendo o marco temporal escolhido o período posterior à 2006, quando foi promulgada a Lei de Drogas, nº 11.343<sup>2</sup>.

Em 2013, a advogada Margarete Brito e o designer Marcos Lins Langenbach descobriram que a maconha poderia beneficiar sua filha, Sofia Langenbach, no controle das suas convulsões. Então, decidiram lutar contra a ideia de que a

maconha serve apenas ao que era considerado tráfico internacional de drogas e não ao tratamento terapêutico de inúmeras doenças como o autismo, alzheimer, epilepsia, depressão, entre outras.

“É nosso dever moral, e obrigação, desobedecer a uma lei injusta.” (KING, M.,[s.d.])

A descoberta foi tão considerável que diversas mães de crianças e jovens com patologias diversas começaram a procurar Margarete Brito para conseguirem o óleo de Cannabis.

E, após um ano da descoberta do uso da maconha com potencial terapêutico para sua filha e tantas procuras pelo óleo, Margarete e Marcos fundaram a APEPI, que ampara aqueles que, por questões diversas de saúde, dependem de medicamentos à base da planta da maconha. Poucas gotas fazem a diferença para aqueles que sofrem com dores e convulsões.

“Pode prender, pode matar, pode fazer o que quiser, mas não vamos parar de plantar, simplesmente porque funciona” (BRITO, M., 2019).

Partindo da ideia de que há ainda muita desinformação sobre a Cannabis, este estudo pretende obter informações qualificadas para difundir o conhecimento sobre essa planta tão eficaz quanto mal compreendida, por meio de um podcast informativo com mulheres do meio canábico. Acredita-se que a elaboração deste podcast contribuirá para que mais pessoas e instituições conheçam, de forma simples e didática, a realidade que se impõe a moradores de comunidades carentes que se veem em meio à guerra às drogas, perdendo suas vidas, seus filhos e familiares, para além dos benefícios da maconha

<sup>1</sup> Cf. [www.apepi.org](http://www.apepi.org) Disponível em 10 Nov. 2021

<sup>2</sup>Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências.



medicinal e terapêutica para diversas pessoas com diferentes patologias.

Pretendo com o meu projeto, amplificar as vozes de pessoas que já sofreram injustiças, com relatos, depoimentos e memórias que podem contribuir para reduzir o preconceito e a desinformação contra a Cannabis e o assim chamado racismo à brasileira. (REED, Andrew, 2020). Entre essas pessoas podemos citar - com base nas entrevistas e questionários feitos neste estudo - mães de pacientes, médicas, ativistas, advogadas e profissionais que utilizam a Cannabis para fins medicinais.

Carolina Freitas, paciente, ativista e colaboradora da APEPI, afirmou sobre a Cannabis que “há tanto sangue em torno dela, que ela não é só uma planta!”. Ela reconhece que a violência por trás das abordagens policiais na guerra às drogas está impregnada de racismo.

Essa foi uma das razões que me fez querer abordar também as questões políticas, sociais e econômicas envolvidas. Como exemplo da questão econômica, que se constitui em um cenário altamente positivo para os países, que regulamentaram o uso e o cultivo da planta, podemos afirmar que a Cannabis, também conhecida como ganja, maconha e cânhamo, movimentará um mercado legal em torno de US\$ 57 bilhões no mundo até 2027, segundo a “Forbes”<sup>3</sup>. Diante desse cenário, ainda se pergunta: a quem interessa essa guerra às drogas?

“As drogas não estão proibidas por serem perigosas. São perigosas por serem proibidas” (APAP, G.,[s.d.]).

Para Margarete Brito, em sua fala na Marcha da Maconha do

---

<sup>3</sup>Cf. <https://forbes.com.br/forbes-money/>> Disponível em 09 Nov. 2021

Rio de Janeiro de 2022, declara: “É uma luta só, não existem vários tipos de uso, uso é uso, e a gente tem que lutar para que cada vez mais pessoas tenham acesso e possam plantar. E que a gente possa regulamentar não só a maconha, mas todas as drogas e acabar com essa violência e guerra às drogas que mata tanta gente”.

O princípio de que o uso das drogas é uma questão de saúde pública e não do departamento policial deve ser colocado em prática, para que se interrompa a matança e a utilização da maconha como remédio terapêutico seja colocado em prática, incentivando a pesquisa nas universidades e instituições científicas.

## 1. BREVE HISTÓRIA SOBRE A CANNABIS

A Cannabis é uma das plantas mais antigas de que o homem tem conhecimento, com relatos de uso de mais de 12.000 anos na Ásia Central (Small e Marcus, 2002; Pain, 2015) e, posteriormente, na China, onde foi mencionada na Farmacopeia Chinesa em torno de 2.700 a.C. (Zuardi et al., 2006; Pain, 2015).

Os chineses foram pioneiros na utilização da planta para fins medicinais, anterior à 2000 a.C., devido ao descobrimento do imperador e farmacêutico chinês Shen Nieng, há mais de 4.000 anos, no tratamento de reumatismo, constipação intestinal, desarranjos no sistema reprodutivo, malária, e também como sedativo (GONTIÊS; ARAÚJO, 2003; FRANÇA, 2014).

Da China, ela se espalhou para o oeste da Ásia até o Egito e, logo em seguida, chegou à Europa Ocidental. Na América, a planta foi introduzida juntamente com a vinda dos colonizadores espanhóis (Zuardi, 2006; Small e Marcus, 2002;

Pain, 2015), sendo que, atualmente, está presente em todos os continentes do mundo.

Em 1500, com a chegada dos portugueses às terras brasileiras, o uso do cânhamo, palavra que nada mais é que um anagrama da própria palavra maconha, consistia na produção das velas e das cordas nas embarcações portuguesas (FRANÇA, 2014). Acredita-se que a maconha foi trazida para o Brasil pelos negros escravizados na colonização, de onde surgiu sua denominação de fumo-de-angola, sendo que eles carregavam consigo as sementes da planta em bonecas de pano (CARLINI, 2006).

Em 1772, o vice-rei Marquês do Lavradio tentou incentivar o cultivo da planta no sul do Brasil, a fim de estimular a produção de cordas para navios e movimentar a balança comercial do país. Depois do vice-rei Dom Luiz Vasconcelos e Souza (Brasil Colônia)<sup>4</sup>, a cultura do cânhamo no Brasil nunca mais teve apoio governamental (FRANÇA, 2014)

Há registros do relatório escrito, em 1893, a pedido da Rainha Elizabeth, mencionando as propriedades medicinais da planta para aliviar dores, melhorar suas cólicas menstruais, entre outros.

A Cannabis provavelmente é a planta mais conhecida e controversa do mundo, pois embora apresente propriedades terapêuticas (Small, 2015), é considerada historicamente como a droga ilícita mais consumida no mundo (UNODC, 2016; WHO, 2016).

No Brasil, Brandão (2014) relata que o médico brasileiro homeopata Alexandre José de Mello Moraes (MORAES, 1881) utilizava a planta em seus tratamentos de catarata, amaurose,

catarro, gonorréia, impotência, dores nos rins, retenção da urina e espasmos. Importantes trabalhos sobre o uso da substância foram desenvolvidos pelo médico, político e jurista José Dória (DÓRIA, 1915; BRANDÃO, 2014). Para o pesquisador, a planta era fumada em sua maioria por negros, índios e mestiços na região norte do Brasil, fazendo com que seu consumo fosse associado às camadas sociais mais baixas.

Atualmente, no Brasil, o cenário de regulamentação do uso da Cannabis segue sem uma regulamentação adequada, aguardando a votação do Projeto de Lei 399/2015 que legaliza o cultivo de Cannabis para fins medicinais.

Ao mesmo tempo que existe o Projeto de Lei que prevê essa regulamentação, ocorrem operações policiais diariamente nas favelas do Rio de Janeiro. Para Pâmela Carvalho, historiadora e ativista da Redes da Maré, a favela entra em um contexto definido como “Sinfonia do horror”, dividido em três partes: o barulho, o silêncio e a ressaca. Ela declara: “Na primeira, os tiros e barulhos de portas se fechando, quando as operações começam as pessoas se protegem dentro das casas, dando lugar ao silêncio, algo realmente estranho aos ouvidos dentro das super povoadas comunidades do Rio de Janeiro, sempre fervilhantes de vida. Finalmente, a ressaca, a hora de fazer o que Criolo canta: “Lavar os corpos, contar os corpos e sorrir a essa morna rebeldia”.

É difícil pensar de forma tão dicotômica, mas a maconha possui seus efeitos negativos e positivos na vida das pessoas, não só colaterais como também interferentes em suas vidas. Por isso, ela pode fazer os dois papéis em cenários tão discrepantes. Ao mesmo tempo que salva vidas e traz qualidade de vida, ela aprisiona e mata pessoas diariamente nas favelas.

---

<sup>4</sup> Em 1782, importou 23 alqueires de sementes de cânhamo do Chile e as distribuiu pelas agrícolas de Santa Catarina. Em 1783, criou a Real Feitoria do Linho Cânhamo, tentativa de introduzir a cultura da planta em larga escala no Brasil Colônia.

## 1.1 Proibicionismo da Cannabis

Não podemos negar que o proibicionismo e a falta de incentivo à educação foram determinantes para todo o atraso científico que vemos no Brasil. São raros os estímulos às pesquisas sobre Cannabis. No entanto, os pesquisadores que vão em busca de apoio de instituições para estudarem e constatarem suas propriedades, demonstram com suas pesquisas resultados que comprovam seus benefícios. Mas, ainda assim, ela é proibida nas favelas, cidades, laboratórios e instituições. Como já mencionado, é notável que esse proibicionismo interfere em muitos campos no Brasil, especificamente na literatura científica. Podemos analisar o gráfico sobre publicações de Cannabis, e concluirmos que são recentes os artigos científicos sobre o tema<sup>5</sup>:



Figura 1 - Gráfico Publicação sobre Cannabis

Fonte: PubMed ( Disponível em:

<<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/>> em 10 de Dez 2021)

A sociedade definiu termos para diferenciação da maconha no mínimo injusta para esquivar-se desse preconceito contra o uso adulto. Por isso, em muitas ocasiões, surge uma necessidade de diferenciar a maconha em função de seu uso medicinal, terapêutico ou adulto.

Para muitos, a maconha vai além destas utilizações, podendo

<sup>5</sup> Cf. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/?term=cannabis>  
Disponível em 10 Dez 2021.

vir a ser uma importante fonte de renda e sustento de famílias no campo, onde são cultivados e extraídos seus canabinoides. Esse é o caso de Laila Fernanda, trimming da Sede Campestre da APEPI, que manifesta:

“A APEPI veio para transformar minha vida, estava desempregada com uma filha para criar, sem conseguir emprego fixo. Depois que comecei a trabalhar aqui, minha vida mudou para melhor. Nunca utilizei a maconha, nem tenho curiosidade, mas poder morar do lado da Fazenda e mostrar para a comunidade como a maconha pode transformar uma realidade, é gratificante”.

Existem muitos mitos sobre a planta, como o de que a maconha mata neurônios. Atualmente, pesquisas mostram o contrário apontando seu papel diferencial na neuroplasticidade, ou seja, a maconha ajuda no tratamento de muitas patologias neurológicas, inclusive promovendo a neurogênese, ou seja, a produção de novos neurônios.

A discriminação não só afeta o crescimento desse avanço, como também a falta de informação. Reconhecemos esse novo papel estratégico da informação na atualidade, em conjunto com a sinergia de uma série de inovações sociais, institucionais, tecnológicas, organizacionais, econômicas e políticas. Tais inovações constituem-se em elementos de ruptura (para alguns), ou de forte diferenciação (para outros), em relação ao padrão precedente, ainda que resultantes, em grande medida, de tendências e vetores que não são propriamente novos ou recentes. (LASTRES; ALBAGLI, 1999). Assumindo as drogas como uma realidade social, não se pode associá-la em primeira mão como algo estritamente criminoso, mas sim como caso de saúde pública, tendo em vista que a droga é o estopim para a destruição de vidas. (OLIVEIRA, J.

2019)

A demanda e o consumo de maconha existem, e não podemos mais ignorar esse fato. O narcotráfico só cresce, destruindo vidas de pessoas inocentes em estado de vulnerabilidade nas favelas. Essa guerra às drogas precisa acabar para encarmos a questão das drogas como uma questão de saúde pública.

Na percepção dos proibicionistas, a maconha é um risco que causa dependência e é caracterizada pela incapacidade do indivíduo de parar ou controlar o uso da droga. No entanto, como qualquer outra substância, inclusive as que são vendidas em farmácias, existe o risco de sua dependência. Logo, informar e explicar sobre os efeitos do uso de todas as drogas, oferecendo à população políticas de drogas que incentivem a pesquisa e a educação, é um meio que poderá reduzir os impactos das drogas e promoverá o debate e estudo sobre elas.

## 1.2 Vias de administração dos canabinoides

Os potenciais terapêuticos da Cannabis estão nos canabinoides, sendo que os mais conhecidos são o CBD e o THC, embora existam dezenas de outros compostos na planta que possuem propriedades terapêuticas para pessoas e também animais. (Livreto APEPI, 2022<sup>6</sup>)

---

<sup>6</sup>Cf. <https://www.apepi.org/livreto/>  
Disponível em 10 Dez 2021.

**Vaporização** - efeito rápido e duração menor. Via segura se feita em temperaturas relativamente baixas



Figura 2 - Vaporização de Cannabis

Fonte: Blog do Vapor (disponível em: <<https://blogdovapor.com/>>)

**Oral** - demora para surtir efeito e atingir seu ápice e diminuir. Possui baixa absorção



Figura 3 - Brownie de Cannabis

Fonte: Royal Queen Seeds (disponível em: <<https://www.royalqueenseeds.com/>>)

**Sublingual** - com absorção alta pelas mucosas da boca, seu efeito é mais rápido



*Figura 4 - Óleo de Cannabis*

*Fonte: CRX Magazine (disponível em: <<https://www.crxmag.com/>>)*

**Nasal** - o spray tem rápido efeito e alta absorção;



*Figura 5 - Remédio Nasal*

*Fonte: Coração e Vida (disponível em: <<https://coracaoevida.com.br/>>)*

**Tópico** - não tem efeitos psicoativos, ótima via para doenças dermatológicas e dores localizadas



*Figura 6- Pomada de Cannabis*

*Fonte: Cannalize (disponível em: <<https://cannalize.com.br/>>)*

**Fumar** - tem efeitos psicoativos e rápido efeito.



*Figura 7 - Fumar maconha*

*Fonte: Estado de Minas (disponível em: <<https://www.em.com.br/>>)*

### **1.3 Contexto atual da Cannabis no Brasil**

A maconha é ilegal, mas é a partir do movimento das mãos canábicas, no Brasil, que observamos avanços nas pesquisas científicas, aumento no número de médicos prescritores e incentivo à utilização da mesma.



Quando Margarete Brito iniciou o tratamento de sua filha, ela levou o assunto para seu médico, que desconhecia os benefícios da Cannabis. Logo depois, conheceu o Dr. Eduardo Faveret, pioneiro no tratamento de patologias neurológicas com Cannabis no Brasil.

Em uma entrevista para a Revista Trip, Katiele Fischer, mãe de Anny, primeira paciente de cannabis medicinal que é portadora de uma síndrome rara, viu diminuir as crises de convulsão de sua filha, e declarou:

“Não imaginava que uma planta tão demonizada proporcionasse o bem-estar. A Cannabis tem potencial infinito, e o preconceito em torno dessa substância se combate com informação”.

O ponto de partida mais “aceitável” pela sociedade começou com as mães, mas vários movimentos ativistas já vinham lutando pela regulamentação dessa planta.

Nesses 20 anos de marchas da maconha pelo país, as mudanças vão muito além do número de participantes. Em 2002, a luta contra a proibição da Cannabis tinha uma perspectiva muito mais individualista. O que estava em jogo era o direito de cultivar e consumir a planta sem a intervenção repressiva do Estado. O proibicionismo era a regra na maior parte dos países. Tirando a política de tolerância holandesa e os primeiros oito Estados norte-americanos a regulamentar o uso medicinal da planta, como a Califórnia, a pioneira em 1996, o ambiente mundial ainda era francamente favorável à proibição. (WERNECK, G. 2022)

As marchas são atos públicos realizados uma vez por ano em

diferentes estados do Brasil<sup>7</sup>. O grupo de ativistas que mobiliza a causa em prol do coletivo e da saúde pública é imenso, eles debatem e apresentam diversos argumentos e contestações das normas atuais legais e sociais do país. Desde junho de 2011, o Supremo Tribunal Federal promulgou uma anuência para as organizações das Marchas, permitindo realizar marchas em diferentes estados do país. (BRANDÃO, 2017; OTERO, 2013; SANTOS, 2014)

Desde 2021 tive a oportunidade de participar da organização da Marcha do Rio e pertencer ao movimento medicinal e antiproibicionista, e por consequência, me fez observar que a luta é uma só, mas as disputas internas entre os ativistas enfraquecem o movimento.

Devemos pôr em prática, o que lutamos e defendemos, todas as mobilizações não só canábicas como: racistas, LGBTQIA +, antimanicomial, etc possuem suas devidas importâncias e relevâncias no mundo atual em que vivemos.

A partir delas, e com as pressões que fazem sobre os poderes Legislativo, Judiciário e Executivo que se manifestam e discutem propostas de políticas públicas a partir de um viés antiproibicionista é que se torna possível pensar que elas serão capazes de garantir o acesso amplo e democrático a todos que dela necessitem como importante recurso terapêutico para inúmeras doenças, inclusive ansiedade e depressão.

O Projeto de Lei 399/2015 abriu portas para a luta medicinal, porém ainda é só o começo, pois essa lei precisa de diversas alterações para contemplar associações e indivíduos que

---

<sup>7</sup> Estas manifestações fazem parte de um movimento social internacional, iniciado em 1998 nos Estados Unidos e difundido rapidamente sob o título de Marcha Mundial da Maconha (MMM).

necessitam plantar e cultivar a Cannabis para uso medicinal. Ser usuário de maconha - que faz uso da planta - é uma questão, pois muitos se identificam apenas como pacientes, porém todos fazem uso da planta, seja de forma medicinal, terapêutica ou adulta. Na verdade, essa diferenciação nem deveria existir.

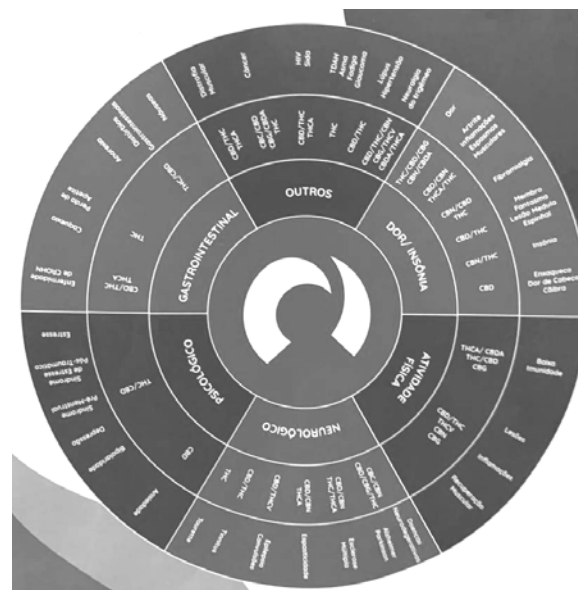
Ao trabalhar com Cannabis, João Pedro Bueno, cultivador da APEPI, como mostra na imagem abaixo, define: “A forma de libertar-se das grades da sociedade, obtendo uma nova oportunidade para expressar-se e colocar-se no mundo”.



Foto tirada pela autora

Essa perspectiva é comprovada ao anunciarmos os benefícios da planta no tratamento de patologias, no aumento da qualidade de vida de pessoas e diminuição das mortes de crianças nas operações das favelas, consequências dessa guerra às drogas<sup>8</sup>.

E em relação à isso, é nítido a anulação do papel do Estado nas favelas, só lhes restando a aceitação incondicional e o azeitamento de todos seus direitos como cidadão.



Patologias x Canabinoide - Csarmen's Medicinals  
Foto tirada pela autora

<sup>8</sup> Cf. <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/>>

## 2 OPORTUNIDADE DE PROJETO

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades”. Ela classifica a saúde também como direito social inerente à condição de cidadania, que deve ser assegurado sem distinção de raça, religião, ideologia política ou condição socioeconômica. A saúde é assim apresentada como um valor coletivo, um bem de todos. (OMS, 1948). Portanto, quando se trata de compreender a saúde de forma integral, devemos reconhecer o sistema endocanabinóide como aquele que:

“(...) compreende os receptores, os agonistas endógenos e o aparato bioquímico relacionado responsável por sintetizar essas substâncias e finalizar suas ações. Os receptores foram nomeados pela União Internacional de Farmacologia Básica e Clínica (International Union of Basic and Clinical Pharmacology - IUPHAR), de acordo com sua ordem de descoberta, como receptores CB1 e CB2. Ambos são receptores acoplados à proteína G” (SAITO, V. et al., 2010)

Difundir as funções do sistema endocanabinóide é um dos requisitos fundamentais para o reconhecimento ao direito à saúde integral, tendo em vista que tal sistema sequer é reconhecido por algumas escolas de formação de médicos, a despeito de ser ele o responsável pelo equilíbrio do corpo. Daí seu potencial terapêutico para inúmeras doenças.

Existe, mais recentemente, no Brasil, um movimento de ativistas que conscientiza e mobiliza a população contra as controvérsias em torno da legalização da Cannabis, deixando claro que os benefícios da planta vão além do campo medicinal. Esta luta é também social, política, econômica e em

defesa dos direitos à vida garantidos pela Constituição de 1988:

“Art. 5º - Todos são iguais perante à lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade.”

Além desse movimento de ativistas, têm-se as associações como a própria APEPI, a Abrace, Flor da Vida, Maria Flor, Curando Ivo, Abracannabis, Abraflor, entre outras, que são organizações canábicas sem fins lucrativos e que muito contribuem para reduzir os danos causados por uma ausência ou insuficiência de regulamentação. Essas associações são coletivos da sociedade civil que apóiam pessoas que buscam a maconha para fins medicinais e, junto com os ativistas, são os maiores responsáveis por uma divulgação mais ampla e fundamentada para informar a população sobre os benefícios do uso dessa planta medicinal, bem como seus limites e desafios. A luta destes ativistas vai além do direito de uso do CBD (canabidiol). Eles defendem a regulamentação do uso adulto da planta, o que inclui o uso do THC.

Por outro lado, é importante assinalar que o canabidiol puro, defendido pelos grandes laboratórios, possuem menor eficácia que o óleo integral das associações que contém todos os componentes e propriedades da planta, com teores diferentes de THC, além de outros quimiotipos com teores de CBG e outros canabinóides.

A indústria farmacêutica já produz o remédio rico em canabidiol (CBD) por um custo em torno de R\$2.300 (seu frasco com 30ml e 6.000mg de CBD)<sup>9</sup> enquanto que os óleos

---

<sup>9</sup> Cf. <https://www.pratidonaduzzi.com.br/canabidiol> Disponível em 17 Nov. 2021



das associações são oferecidos por menos de 10% desse valor.

O preconceito em torno da planta conta com a parte “psicoativa”, ou seja, a que pode alterar os estados de consciência.

“O CBD é um canabinóide sem ação psicoativa, contudo, existem estudos que descrevem a sua capacidade neuroprotetora resultante do seu poder antioxidante contra os radicais livres de oxigênio (ROS) produzidos nos neurônios por liberação excessiva de glutamato. Outros estudos referem a sua capacidade anti-inflamatória, sobre o sistema imune e anticonvulsivante (Carranza, 2009; Netzahualcóyotl-Pietra, 2009; Gainza, 2003).

Então, porque não regulamentar a planta para seu uso medicinal de forma democrática e acessível? Todos ganhariam, governo e sociedade. No entanto, será que esta proibição se deve ao fato da Cannabis não ser uma planta tão popular entre os mais ricos? Ou pelo fato de ser utilizada por pessoas de raça preta?

Quando você olha para a história da América, você pode olhar desde a escravização, passando por Jim Crow<sup>10</sup> até a guerra contra às drogas. Nenhum sistema melhor foi criado para aprisionar, desumanizar, tirar as pessoas de suas casas e transformá-las em um número, dissolvendo suas identidades e sentimentos de pertencimento. É isso que a guerra contra as drogas está fazendo.

Duas vezes mais pessoas foram presas por maconha hoje do que há 25 anos atrás. Os 1,8 milhões de pessoas que são

presas são desproporcionalmente negras. (HOLLAND, J., 2010).

Talvez a abolição, tal como a creolização<sup>11</sup>, seja um processo permanente, ainda não terminado; talvez ela tenha que ser reinventada a cada dia. Mesmo assim, é preciso celebrá-la como ato de resistência e conquista de escravizados libertos e homens livres pobres. (CORSINI, L., 2014)

“o desejo de alcançar a liberdade cívica e econômica e a busca de liberdades pessoais haviam se alinhado lado a lado durante o período de lutas contra a escravidão. Uma tensão considerável entre estas duas dinâmicas diferentes desenvolveu-se no período pós emancipação” (RIOS, A. M.; MATTOS, H. M., 2004).

A realidade é que nunca vamos ser uma sociedade livre de “drogas”, que existe desde nossos antepassados. Então, por que não encarar como algo benéfico o incentivo à política de educação para as pessoas entenderem seus benefícios e malefícios?

Como já mencionado, acredita-se que esta discriminação ultrapassa os níveis sociais, econômicos e políticos chegando à questão racial.

---

<sup>10</sup> Jim Crow era um nome pejorativo usado para se referir a pessoas de pele negra nos EUA. As leis racistas que vigoraram no sul dos EUA de 1876 a 1965 eram conhecidas como as “leis de Jim Crow”.

---

<sup>11</sup> É a mestiçagem infinita, uma produção linguística híbrida e nunca acabada que vai se amplificando e proliferando a partir do encontro entre elementos de uma e de outra língua. (CORSINI, L., 2014)

## 2.1 Justificativa

Em setembro de 2020, desenvolvi meu primeiro layout para APEPI, para a identificação da Fazenda Sofia Langenbach, local onde são produzidos os óleos medicinais artesanais ricos em CBG, CBD, THC e balanceados (1:1) a partir do cultivo orgânico das plantas de Cannabis e que continha a seguinte frase: “Cultivar plantas; Desenvolver remédios; Transformar vidas”.

É exatamente isso que a planta faz: transforma as vidas de milhares de pessoas que sofrem de diversas patologias como autismo, alzheimer, ansiedade, depressão, fibromialgia, epilepsia, glaucoma, dentre muitas outras. O cultivo da APEPI é orgânico e por quimiotipos (produzido por genéticas como: purple wreck, schanti, harletsu, doctor e CBG). Ou seja, de forma pioneira, a APEPI passou a produzir seus óleos por quimiotipos, trazendo mais segurança e qualidade do produto para seus associados e favorecendo que eles próprios produzam seus óleos, bastando para isso terem as estacas ou as sementes da genética que utiliza para seu tratamento. Muitos desconhecem o processo de produção de um óleo que vai desde o cultivo até a colheita, análise e dosagem em instituições de pesquisa, como a Unicamp, que faz a dosagem dos óleos para a APEPI. São muitas as evidências e os relatos de pacientes que afirmam a remissão dos sintomas e até mesmo a cura de algumas doenças.

A partir de outubro de 2020, passei a atuar de forma mais intensa na administração das redes sociais da APEPI e observei que há ainda muitas dúvidas sobre o uso medicinal da Cannabis. Dentre elas, destacam-se:

1. Existe diferença entre maconha e cannabis?
2. O que são canabinoides?

3. Quais as doenças que a maconha trata?
4. Posso plantar sem ser preso?
5. Preciso de alguma autorização especial para usar o óleo medicinal?
6. O óleo de cannabis faz mal?
7. A maconha vicia?

Recentemente, tem-se visto cada vez mais iniciativas de criação de cursos de pós-graduação que levam aos alunos o conhecimento sobre o sistema endocanabinóide, o uso e tratamento de patologias, e outros segmentos de atuação da cannabis medicinal. Na área da pesquisa, a USP tem a maior produção científica mundial sobre canabidiol<sup>12</sup>.

Entretanto, a despeito de todo esse contexto, a eficácia do uso da Cannabis medicinal ainda é pouco conhecida ou, muitas vezes, distorcida e vítima de preconceitos e desconhecimento. A história do uso da Cannabis e a sua proibição remontam dos tempos da escravidão até meados dos anos 60 do século XX, por interesses comerciais. Seu uso, como mencionado acima, começou bem antes do que se é conhecido nas embarcações portuguesas. Será que o Brasil escravista ainda existe até hoje?

Apesar de tantos anos de proibicionismo que ainda perduram e o fato de que o mundo promove aos poucos a descriminalização do uso da Cannabis medicinal, o Brasil ainda se ressentir da falta de regulamentação em contraste com os outros países, embora sejam crescentes os avanços nas pesquisas sobre o assunto.

---

<sup>12</sup> Cf.

<https://jornal.usp.br/ciencias/usp-tem-a-maior-producao-cientifica-mundial-sobre-canabidiol/>

Disponível em 10 Nov. 2021

A despeito desse cenário, ainda se vê muitas mortes e prisões que poderiam ser evitadas se a guerra às drogas tivesse um fim, a partir da descriminalização da Cannabis.

Além disso, não poderia deixar de mencionar a rede de mães canábicas<sup>13</sup> que encabeçou esse movimento da Cannabis Medicinal, no Brasil e que pode ser visto no documentário *Ilegal*<sup>14</sup>. No mesmo ano em que este documentário foi lançado, 2015, o canabidiol (CBD), no Brasil, deixou de ser proibido e passou a ser considerado como substância controlada, sendo que, em 2016, o mesmo se deu com o tetrahydrocannabinol (THC).

Esta mudança na lista C1 da Portaria 344/98 de substâncias proscritas, de certa forma, representou uma vitória dos movimentos de ativistas, pais e familiares de pessoas portadoras de doenças tratáveis com a Cannabis e já mencionadas. Na prática, esta decisão resultou em avanços nos estudos e pesquisas relacionadas ao uso medicinal da Cannabis.

A medida também ampliou o número de profissionais de saúde que prescrevem o óleo medicinal como recurso terapêutico.

Retomando a contribuição das mães, o documentário *Ilegal* foi um marco importante nesta luta e que mostra um grupo de mães - encabeçado por Katiele Bartolli<sup>15</sup> e Margarete Brito -

---

<sup>13</sup> Grupo de mães que possuem filhos com doenças especiais, onde compartilham conhecimento e prestam auxílio e acolhimento para outras mulheres, que também possuem filhos em tratamento com a planta e buscam o mesmo direito.

<sup>14</sup> Documentário da Superinteressante (2014) que conta a história de mães de pacientes que precisam do remédio de cannabis para seus filhos; elas possuem condições financeiras para importar dos EUA e lutam pelo direito ao acesso, no Brasil.

<sup>15</sup> Cf. <https://revistatrip.uol.com.br/trip-transformadores/trip-transformadores-2016-katiele-fischer-fala-sobre-legados>

articulando contra a burocracia de importação do medicamento e o preconceito que tinham que suportar para garantir aos seus filhos o direito à saúde. O documentário foi tão importante que trouxe avanços significativos para a luta e fez com que muitas coisas mudassem, desde 2015.

Essa, inclusive, é uma das razões para corroborar a ideia de que os meios de comunicação são ferramentas importantes e essenciais para informar e conscientizar as pessoas que desconhecem o assunto. Ou seja, a partir dos afetos e emoções desencadeadas a partir do filme, elas conseguem visualizar e, muitas vezes, se identificar com o que está de fato acontecendo.

Outra produção audiovisual importante é o filme *Estado de Proibição* (2019). Embora ele não tenha se "popularizado" e seja pouco conhecido, o filme mostra, por um lado, a história de mulheres que desafiam a lei brasileira para cultivar maconha para o tratamento de seus filhos e, por outro, mulheres que perderam os filhos pela violência associada à proibição das drogas.

É um filme essencial para entender o que acontece na luta diária pelo acesso amplo e democrático ao óleo de Cannabis em confronto com a realidade da Lei de Drogas, considerada extremamente racista e de cunho elitista.

Os deputados, que são contra o PL 399/15<sup>16</sup>, argumentam que a planta faz mal à saúde da população e que irá aumentar o número de usuários que fazem uso adulto, mesmo havendo inúmeros artigos científicos e evidências que comprovam que

---

Disponível em 10 Nov. 2021

<sup>16</sup> Projeto de Lei 399/15 que regulamenta o plantio de maconha, denominada Cannabis sativa, para fins medicinais e a comercialização de medicamentos que contenham extratos, substratos ou partes da planta, aguardando votação no plenário.

esse argumento é uma falácia. Como é o caso dos EUA, a liberação da maconha para uso adulto, não fez crescer o consumo da erva na população em geral<sup>17</sup>, mas não levou ao aumento do uso entre adolescentes. E na população preta não foi identificado o aumento do abuso frequente e a dependência.

Cinco anos após a legalização da maconha no Colorado, os efeitos da Cannabis na saúde pública, na política, na cultura rural e no crime são surpreendentes. Desafiando tanto os críticos mais ferrenhos quanto o otimismo extremo da indústria da erva, o Colorado serve de parâmetro para outros governos estaduais que discutem a legalização da planta.<sup>18</sup>

Portanto, não existe argumento consistente de que a regulamentação da planta fará mal aos brasileiros e ao país. Os trâmites para a aprovação do PL 399/15 seguem pausados e aguardando votação no plenário.

As organizações canábicas são a favor da aprovação, mas com alguns acréscimos, pois defendem o direito ao cultivo individual e por associações de pacientes.

O universo canábico abrange muitas frentes, tais como: cultivo (incentivo à produção no interior), cosméticos (incentivo à farmácia brasileira), medicinal (remédio e acesso democrático para aqueles que não podem pagar mais de dois mil reais), educação (ensino para médicos sobre o assunto, estimulando mais médicos prescritores), pesquisa (incentivo à ciência), entre tantos outros.

<sup>17</sup>

Cf. <http://oglobo.globo.com/saude/bem-estar/liberacao-de-maconha-nos-eua-fez-aumentar-uso-mas-nao-abuso-1-25232434> Disponível em 04 Nov. 2021

<sup>18</sup> Cf. <http://oglobo.globo.com/brasil/cinco-anos-apos-liberacao-da-maconha-colorado-colhe-os-primeiros-impactos-da-decisao-23774876> Disponível em 04 Nov. 2021

Baseada na ideia que o uso da Cannabis para fins medicinais é ainda pouco conhecido por pacientes e familiares de pessoas com patologias tratáveis com a cannabis e os outros argumentos postos acima, a proposta do meu projeto de pesquisa visa elaborar um podcast, com viés informativo e educativo sobre a Cannabis para contribuir aos poucos com a descriminalização da planta.

O que se pretende é divulgar com uma linguagem não especializada os benefícios da planta.

## 2.2 Relevância do projeto

Em novembro de 2021, após analisar as 200 respostas do formulário divulgado entre os mais de 2000 associados da APEPI e nas redes sociais, constatou-se que 188 conheciam os benefícios, mas a maioria (55,9%) não utilizava o óleo medicinal, pois possuía um conhecimento restrito sobre suas vantagens ou não procurou saber mais sobre. E 61,7% vaporizam (fumam) a Cannabis e 96,8% desejam saber mais sobre os benefícios do óleo da Cannabis.

A maioria destes que conheciam os benefícios teve seu primeiro contato pelos meios de comunicação, conforme o gráfico abaixo:

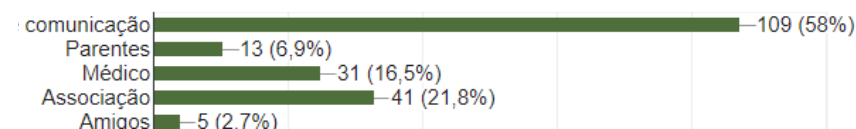


Figura 8 - Trecho do gráfico

Fonte: Autora (completo em anexos)

E, por isso, as tecnologias de informação e comunicação são tão importantes para disseminar uma informação. Essa conexão se estabelece pelo fato dos movimentos sociais e

ativistas com valores e objetivos compartilhados, surgirem de uma insatisfação pelas políticas tradicionais. Seu crescimento só foi possível graças à internet (redes). Em síntese, “a Internet é a estrutura organizativa e o instrumento de comunicação que permite a flexibilidade e a temporalidade da mobilização, mantendo porém, ao mesmo tempo, um caráter de coordenação e uma capacidade de enfoque dessa mobilização” (CASTELLS, 2003, p. 277).

A esta altura da reflexão poderíamos nos perguntar: Por que precisamos nos reconhecer e pertencer a determinado lugar ou causa? O Estado coloca os indivíduos com direitos e deveres com regras a cumprir, definindo o sentido e as orientações de nossas ações. Então, os indivíduos e/ou atores sociais, produzem, consomem, constroem e obtêm identificação, modelam identidades funcionais, adaptáveis, substituíveis. E são diferenciados pelos seus discernimentos na sociedade. (MELUCCI, 2001, p. 80)

Para esse autor, o conhecimento e informações são recursos essenciais para a identificação dos “atores” na sociedade. O Estado impõe e domina a mesma, então, reconhecer-se dentro das relações sociais anula essa tendência de controle. A vida coletiva está cada vez mais sensível, a cultura torna-se, por excelência, o terreno estratégico dos conflitos. (MELUCCI, 2001)

Para aqueles que conhecem ou não os benefícios dos canabinoides, mas podem pertencer a esse movimento com o auxílio das redes, considere mais adequado desenvolver um podcast contendo entrevistas didáticas com informação qualificada como resposta a essa demanda identificada. Em conjunto com uma rede social, contendo trechos do podcast e principais aspas dos relatos coletados nos podcast.

O podcast fica hospedado em plataformas que dispõem os episódios em um único local de forma clara e coesa,

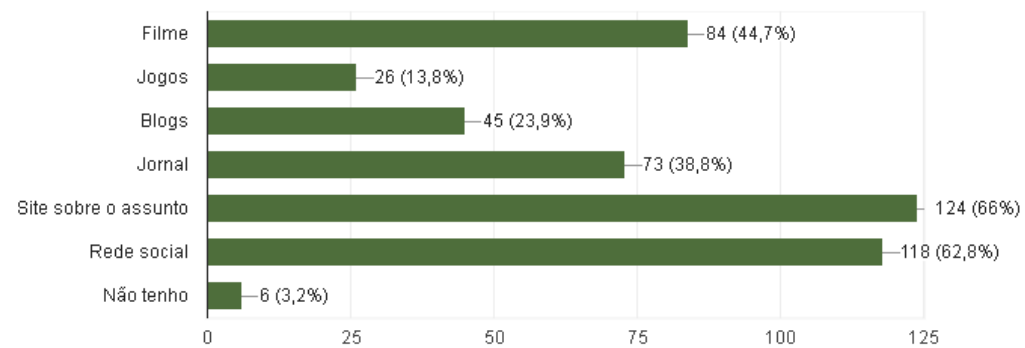
facilitando, dessa forma, o entendimento de seu conteúdo e promovendo a reflexão de seus seguidores por meio de relatos, pesquisa e informações.

Ao lado, demonstram-se os dados obtidos com o formulário concluindo que as pessoas que conhecem os benefícios desejam conhecer mais sobre o assunto através das redes.

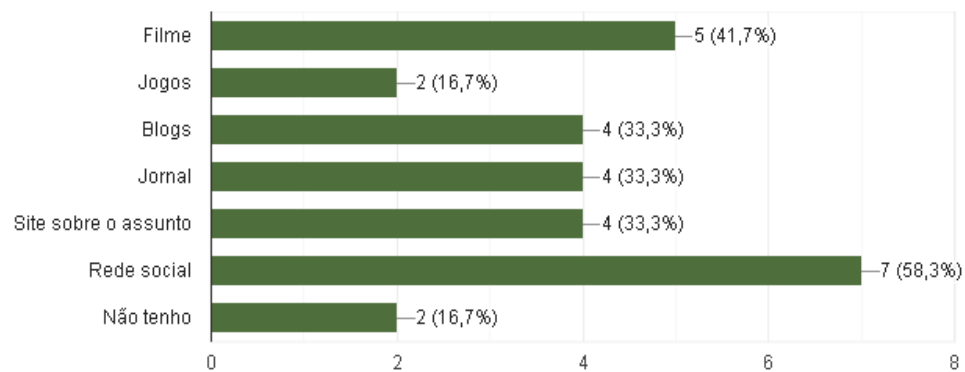


Site da Abrace (disponível em <<https://abraceesperanca.org.br/>>)

Atualmente, os sites sobre Cannabis em língua portuguesa são promovidos, em sua maioria, por ativistas, cultivadores, jornalistas, médicos e Associações, e que contribuem, na maioria das vezes, com informações especializadas. A criação do *podcast* contribuirá para o entendimento do assunto de forma didática com o objetivo de informar, comunicar, educar, orientar e reforçar os benefícios dos canabinoides. Dado que os iletrados desconhecem o assunto de forma específica, o podcast vem para contemplar esse público também.



*Figura 9 - Pessoas que conhecem os benefícios*  
*Fonte: Autora (completo em anexos)*



*Figura 10 - Pessoas que desconhecem os benefícios*  
*Fonte: Autora (completo em anexos)*



### 3 METODOLOGIA

O podcast educativo a ser desenvolvido será baseado em ferramentas utilizadas no Design Participativo, e contará com entrevistas dos envolvidos na causa canábica, tais como, mulheres que se dedicam à causa, sendo elas: diretora e fundadora da APEPI, médicas, farmacêuticas, psicólogas, usuárias, mães, advogadas, ativistas e pacientes.

De acordo com Brandt, Binder e Sanders (2013), o design participativo não é uma abordagem só, senão uma família proliferante de práticas de design que abrangem diferentes objetivos e vêm com uma variedade de ferramentas. [...] propõem uma maneira de estruturar estas ferramentas, partindo das suas diferenças nas formas de fazer, narrar e encenar (making, telling and enacting). (IBARRA, 2018, p. 121 e 122.)

O projeto pedagógico sobre os benefícios dos canabinoides ultrapassa o design e se entrecruza com a educação, como um ato político determinado pelo contexto histórico, que assim como o design social não é neutro e nem hegemônico. Pelo contrário, afirmam que a sensibilidade à coerência entre fazer, narrar e encenar provê bases para que os designers (e não-designers) façam as ferramentas e técnicas relevantes para qualquer atividade participativa na qual eles estejam envolvidos. (IBARRA, 2018, p. 121 e 122.)

“O designer, enquanto sujeito, conduz atividades em grupo, assumindo o papel de facilitador, mediando a aprendizagem e promovendo a troca de saberes. É, portanto, educador. Apropriando-se de princípios metodológicos colaborativos, favorece a participação e o envolvimento de todos. Ao adotar esse posicionamento, se estabelece a conexão com o pensamento Freireano que orienta a prática libertadora do indivíduo, colocando-o, não mais como objeto da desigualdade social, mas

como protagonista de sua própria história de vida.” (CANÔNICA, R. et al. 2014, p. 2).

E, sendo protagonista, pretende colocá-lo em perspectiva para além de sua realidade. A pedagogia do oprimido que, no fundo, é a pedagogia dos homens empenhando-se na luta por sua libertação, tem suas raízes em Paulo Freire.

“E tem que ter nos próprios oprimidos, que se saibam ou comecem criticamente a saber-se oprimidos, um dos seus sujeitos.” (FREIRE, 1987).

Assim, ao utilizar-se da educação libertadora de Paulo Freire, este estudo pretende que os participantes, ou seja, os narradores, sejam os protagonistas que serão capazes de promover a autorreflexão e conscientização sobre os limites e desafios da regulamentação da Cannabis. Nesta perspectiva, Freire (1987) destaca que:

“Na medida em que a conscientização, pela “revolução cultural”, se vai aprofundando, na práxis criadora da sociedade nova, os homens vão desvelando as razões do permanecer das “sobrevivências” míticas, no fundo, realidades, forjadas na velha sociedade” (FREIRE, 1987, p. 91).

Assim, não negando a sobreposição de uma cultura sobre outra e sim o fortalecimento dos movimentos sociais, é necessário transformar a realidade da Cannabis em algo novo. Ou seja, cessar nossos medos e lutar ativamente por políticas de drogas baseadas na ciência, saúde e nos direitos humanos e propiciar o reconhecimento da Cannabis como uma planta capaz de transformar dores em vida, transformar doenças em cura pelas propriedades dos canabinoides.

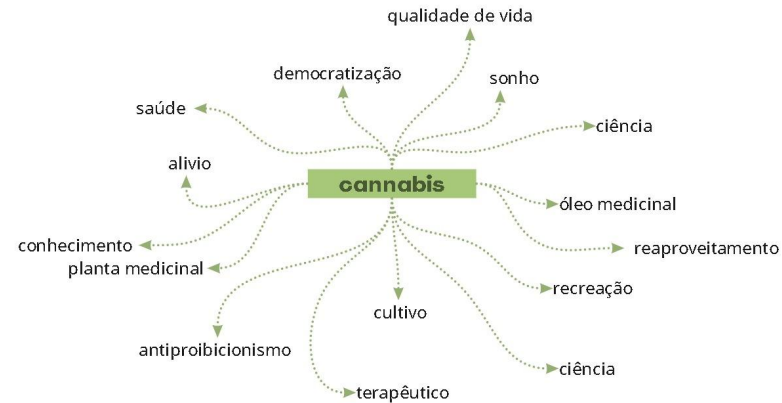
Ao relacionarmos o design participativo e o conceito de Freire, observamos alguns pontos em comuns:

“A prática da inclusão, tanto na educação libertadora quanto no design participativo, considera que as pessoas devem ter oportunidades iguais perante os fatos. [...] Para Freire, ao se fazer sujeito, o ser humano efetiva uma ação transformadora que resulta em protagonismo e não mais opressão, despertando sua conscientização social e política, tendo como resultado a consciência do seu pertencimento ao mundo e a criticidade sobre os fatos.” (CANÔNICA, R. et al. 2014, p. 8 e 9).

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 2010, p.47). Acredito que o primeiro passo para este avanço é incentivar a educação, ou seja, o acesso à informação e ao conhecimento sobre os canabinoides. As pessoas devem compreender que elas não podem ser mortas por carregarem um “bud” de maconha ou simplesmente pelo seu tom de pele. É importante ensinar as pessoas a buscarem a defesa de seus direitos.

Segundo Freire (1987) é preciso um pensar autêntico onde a ação deve ser infundida na profunda crença no humano, no seu poder criador. [...] A educação que se impõe como prática para a libertação está fundamentada na problematização do ser humano e de suas relações com o mundo.” (CANÔNICA, R. et al. 2014, p. 6 e 7).

A mudança sem opressão, aproximando os envolvidos no projeto da realidade, constituindo um diálogo crítico de ensino-aprendizagem, como no trabalho de formiguinha, essencial na troca de saberes, onde ambos os indivíduos do processo de aprendizado crescem juntos, eliminando os “argumentos de autoridade”. Em síntese, represento a Cannabis conforme o mapa mental abaixo.



*Figura 11 - Mapa Mental sobre Cannabis*  
 Fonte: Autora (completo em anexos)

Neste sentido, o que se busca é a “autoridade do argumento” de pessoas envolvidas com a causa e que em muito poderão contribuir para que a maconha deixe de ser considerada como algo pernicioso à sociedade e que, ao contrário, possa trazer muitos benefícios à ela.

Para os portugueses, a maconha era a droga dos escravos, pois agindo assim eles faziam com que o tabaco não fosse utilizado por eles. Isso seria um indício que esta proibição e discriminação são baseadas desde tempos passados em questões raciais e discriminatórias.

“Sua condenação moral foi contra um dos produtos mais característicos da expansão mercantil e da formação de uma classe de mercadores num sistema atlântico colonial que se tornou no século XVIII o foco autônomo de uma nova nação, cujo plantio de tabaco ajudou-a a se tornar o veículo de um novo interesse independente e republicano. (CARNEIRO, H., 2019. p.70).



Em conjunto com a metodologia 5W2H, que auxilia na criação de um plano de ação no contexto de projeto, não limitado ao design (CEFET JR., 2020). A sigla corresponde às iniciais (em inglês) de 7 diretrizes: What (o quê), Why (por quê), Where (onde), When (quando), Who (quem), How (como) e How Much (quanto).

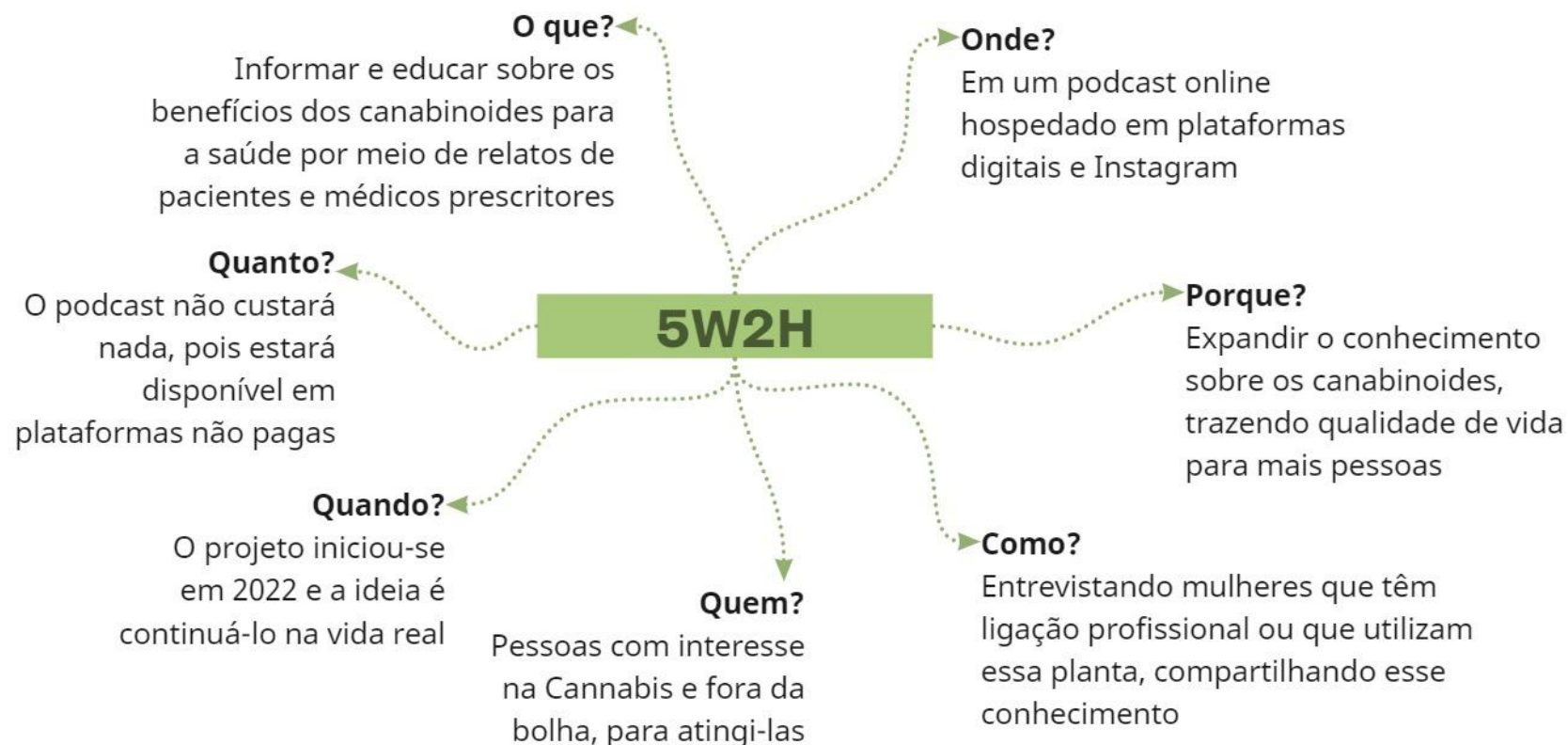


Figura 12 - Metodologia 5W2H  
Fonte: Autora

## 4 OBJETIVOS

O objetivo geral é ampliar o acesso à informação qualificada sobre o uso da Cannabis, de forma a contribuir para reduzir a desinformação e o preconceito contra ela. Informando e conscientizando sobre os benefícios dos canabinoides para saúde de todos.

### 4.1 Objetivos específicos

- Entrevistar mulheres que tiveram suas vidas transformadas pela Cannabis;
- Conscientizar com posts informativos sobre a importância da Cannabis;
- Furar a bola com posts educativos sobre os benefícios dos canabinóides;
- Realizar pesquisas na base de dados Pubmed para obter métricas que comprovem a eficiência da Cannabis Medicinal;
- Identificar projetos que utilizam a Cannabis como matéria-prima seja para reaproveitamento ou uso medicinal;
- Mapear o quantitativo de médicos e cientistas brasileiros atuam na área da Cannabis;
- Entrevistar mulheres que fazem uso da Cannabis, além de ativistas, advogadas, médicas, farmacêuticas e mães de pacientes;
- Elaborar uma linha do tempo para representar a história, o uso e os avanços da cannabis até os dias atuais - desde o proibicionismo até a criação da lei de drogas e dias atuais;
- Mapear os países em que a maconha já foi legalizada;
- Identificar os sites relativos ao tema da Cannabis;
- Mapear as patologias em que os canabinoides podem auxiliar no tratamento;

## 5 PÚBLICO ALVO

O público-alvo deste projeto se caracterizou prioritariamente para pessoas que desconhecem os benefícios dos canabinoides para a saúde. Já para o público secundário, pessoas do meio canábico que desejam obter mais informações sobre a Cannabis, para fins educativos ou não.



## 6 CONTEXTO

Os contextos em que o projeto se insere são os meios de comunicação atingíveis ao público alvo, sendo eles pessoas interessadas ou não na Cannabis para melhora na sua qualidade de vida.

“A webrádio nasceu quebrando vários paradigmas e o primeiro deles foi o suporte, determinando, a partir daí, diversas rupturas com o velho invento de Marconi, por meio da agregação de elementos textuais e imagéticos” (PRATA, 2008, p.2).

Dessa forma, a atmosfera online conquista cada vez mais pessoas e após a pandemia tivemos o boom dos podcasts. A expressão “*podcasting*” vem da junção do prefixo “Pod”, proveniente de iPod (nome do aparelho reproduzidor de áudios, fabricado pela empresa norte americana Apple Computer), com o sufixo “casting”, oriundo da expressão inglesa broadcasting, ampla transmissão de informações que, quando feita através de ondas eletromagnéticas de rádio, também pode ser chamado de radiodifusão. (FOSCHINI; TADDEI, 2006).

Para Meditsch (1999 apud Mufarah, 2003) não é esse o caso, pois classifica transmissores de difusão de áudio como o podcasting, sendo um tipo de serviço fonográfico, “não se caracterizando como radiofônico por não ser emitido em tempo real”. Entretanto, muitos podcasts produzem conteúdos ao

vivo, como é o caso do “Pod Delas”<sup>19</sup> que são gravados ao vivo e distribuídos para visualização no streaming Youtube.

“Webrádio é qualquer emissora radiofônica online que pode ser acessada através de um endereço eletrônico, ou seja, uma URL (Uniform Resource Locator)” (PRATA, 2008).

A ferramenta era restrita a determinados usuários, no início, mas com o advento da internet, o podcast alcançou cada vez mais pessoas e, atualmente, é bastante acessível. Em consequência disso, novas formas de interação social passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas que utilizam estes dispositivos cibernéticos.

“Podcasting é um processo midiático que emerge a partir da publicação de arquivos de áudio na internet”. (PRIMO, 2005)

Com base no *Podcasting*, que só é capaz segundo a relação entre o arquivo de áudio que compõe o podcast e o arquivo de texto que ajuda a divulgá-lo sempre que ele é lançado na internet. Diferenciando os podcasts dos programas de rádio tradicionais.

De modo geral, desde o surgimento da web rádio em 1995<sup>20</sup>, os programas propuseram novas experiências para os ouvintes, como é o caso dos podcasts, transmitidos de forma

---

<sup>19</sup> Cf. <https://www.youtube.com/c/PODDELASoficial>

<sup>20</sup> De acordo com Prata (2008) a rádio Klif foi a primeira a transmitir ao vivo sua programação através da internet (URL)

contínua, cuja principal característica é o formato de distribuição.

Além disso, os “videocasts”, programas audiovisuais que utilizam a mesma forma de hospedagem de dados dos podcasts, mas nesse caso, aproveitando da imagem visual e dos áudios.

Enquanto os programas de televisão e de rádio transmitem seus programas da forma que lhe for mais útil, os podcasts permitem que o usuário crie sua atmosfera online, ou seja, podem baixar ou escutar ao vivo o programa de forma contínua e customizável. Ou seja, escolhe seu próprio caminho e quais conteúdos serão vistos. (ALMEIDA; MAGNONI, 2009)

Embora recente, a customização, cada vez mais presente nos conteúdos da internet, é determinada pelos interesses de cada comunidade cibernética. Determinando sua característica para se diferenciar das produções convencionais, que são sua principal concorrência no mercado.

Com base nisso, as redes sociais, surgem como incremento para aquilo que até então era tradicional. Para Del Bianco, (2004) a internet mudou a forma de produção das notícias, que impactou diretamente o rádio e os telejornais. Para a autora, a internet proporciona a percepção de liberdade sobre a notícia, já que a ferramenta não se restringe apenas ao profissional que recebe a informação. E também, passa a atender os gostos particulares de cada usuário.

“Deixam de lado a posição de ficar à espera de informação para assumirem uma postura ativa de busca orientada na rede com o intuito de recolher e selecionar notícias. Obter material de divulgação na rede acabou por converter-se num fim em si mesmo. (DEL BIANCO, 2004, p.160)

Dessa forma, o jornalismo na internet passou a oferecer uma multiplicidade de conteúdos e ferramentas que permitem o acompanhamento interativo de forma mais dinâmica, por exemplo, de grupos de discussão, fomentando a funcionalidade na apuração da notícia. Segundo Medeiros (2005) cada usuário produz seu conteúdo descentralizadamente, disponibilizando-o na rede da melhor maneira que lhe convier.

Isso aponta para a questão central sobre o podcast: o ouvinte não é mais dominado pela imposição das mídias convencionais. Assim dizendo, o “poder de emissão” está na mão do ouvinte.

Segundo Primo (2005) as tecnologias push são quando o conteúdo é “empurrado” até o público, já o pull ocorre quando conteúdo é “puxado” pelo público. Ou seja, com o push conseguimos furar a bolha com o uso de hashtags<sup>21</sup> e fragmentar os conteúdos e com o pull o internauta deve ir buscar e pesquisar as informações que deseja.

O podcast, assim como as redes sociais, utiliza o feed<sup>22</sup> como ferramenta para oferecer liberdade para o público. Nele, é possível “seguir” ou “deseguir” o perfil do assunto de seu interesse em seu agregador. Como consequência, isso é o que diferencia-os das webrádios e programas tradicionais.

Além disso, sua distribuição arrojada e sua facilidade de reprodução, subverte a questão da comunidade virtual está ligada às mídias de massa tradicionais para produção de

---

<sup>21</sup> São palavras-chave associadas a uma informação, tópico ou discussão que se deseja indexar de forma explícita no aplicativo Twitter, e também adicionado ao Facebook, Google +, Youtube e Instagram.

<sup>22</sup> O que aproxima o podcast com blog ou site é o Feed, local que fica disponibilizado todos os episódios

conteúdos culturais, educacionais ou de entretenimento, tornando a propagação de conhecimentos mais democrática. Com isso, não existe mais uma produção de conteúdo centralizado nas mãos de uma mídia.

A partir de uma origem fortemente tecnológica, o podcast através da instrumentalização, com características experimentais e não unicamente técnicas, na produção de programas, episódios, ou debates.

Outro aspecto intrínseco, é que a ferramenta radiofônica online é constituída por comunidades cibernéticas, que permite novas interações sociais simbólicas, particularidade que só foi possível graças à internet.

Por consequência, permite ao usuário o poder de suas ações e decisões à vista disso, ouvir um podcast não é como ouvir uma rádio onde se diz, “o que será que está passando?”, mas é mais uma ferramenta criativa onde se diz “vou ouvir o que eu quero”. (FRANCO, 2009)

### **6.1 Informar com educação inclusiva**

Pacheco (2009, p. 8) afirma que o rádio online é uma mídia da cibercultura em formato de áudio ou vídeo que vem conquistando o público, pois desenvolvem capacidades e informam-se sobre diversos assuntos de maneira dinâmica, orgânica e prática.

Alguns podcasts, realizam cortes dos episódios dos principais assuntos abordados dentro para atrair uma gama maior do público. Como por exemplo o Não Inviabilize<sup>23</sup> que realiza cortes por meio de vídeos interativos sobre o cotidiano de pessoas.

---

<sup>23</sup> Cf. <https://www.instagram.com/naoinviabilize/>  
Disponível em 05 Set 2022.

Para além do entretenimento, muitos podcasts se aproveitam da plataforma para conscientizar e educar sobre diversos assuntos de maneira criativa.

Pacheco destaca, em sua palestra na 9ª Semana da Educação de Campinas – projeto do Programa Educação da Fundação FEAC “É preciso encontrar três ou mais pessoas que compartilham o mesmo propósito, de implantar uma nova forma de educação num determinado território. É preciso procurar outras pessoas interessadas em mudar a educação e agir. O processo de mudança é lento e contraditório, mas acontece e tudo que eu falo que é possível é porque eu já fiz e deu certo. E falo de coisas que deram certo aqui no Brasil.”

Para o professor, o termo “educação inclusiva” cobre variadas tentativas de atender à diversidade total das necessidades educacionais. Nela, o ambiente de aprendizagem é seguro, acolhedor e agradável. Encorajando práticas inovadoras de forma coletiva e promovendo a responsabilidade social.

E as mídias tornam-se esse ambiente, quando promovem debates seguros e agregadores para diversas camadas da sociedade. Um exemplo, foi em 2020, quando Manu Gavassi, participante de um reality show cita a palavra “sororidade” para justificar seu voto<sup>24</sup>, fazendo com que muitos que desconheciam a palavra procurassem no google seu significado, por consequência o aumento de 250% em sua busca no Google.

---

<sup>24</sup> Cf. <https://emails.estadao.com./>> Disponível em 05 Set 2022.

Esse e muitos outros casos mostram como hoje em dia, as mídias possuem uma potência para educar, capacitar, incentivar à cultura, fornecer informações e às suas diversas potencialidades nos campos da Comunicação e Educação.

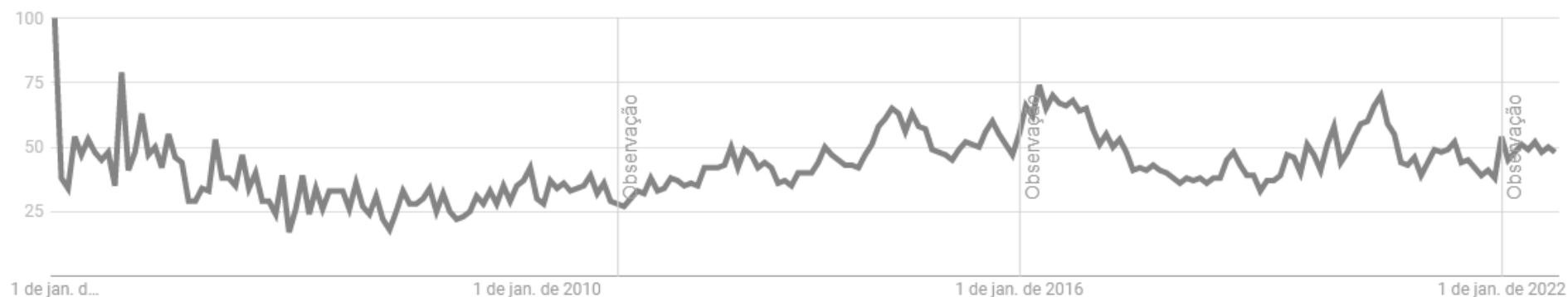


Figura 13 - Gráfico Cannabis

Fonte: Google Trends (disponível em: <<https://trends.google.com.br/>> em 04 Set. 2022)

O gráfico (figura 13) mostra a procura pela palavra “Cannabis” ao longo dos anos desde 2004 até os dias atuais extraído da plataforma Google Trends. É nítido esse crescimento, mas mesmo assim, muitos ainda desconhecem seus benefícios. Muitos ainda procuram pelo “Google”, mas hoje em dia, existem outros canais que oferecem ao internauta essa informação. Para além, o podcast por sua vez, oferece uma mensagem mais simples ante a rapidez das informações que sobrepõe as pautas ao longo do dia jornalístico, e também da versatilidade, ubiquidade que não foi alcançada por nenhuma outra mídia.

A sociedade em geral, ao compreender que são agentes políticos, é capaz de ampliar a abrangência das ações educativas na atmosfera cibernética.

Ou seja, não incentivar modos negacionistas e disseminação de fakes news, pois está rejeitando informações comprovadas por estudos científicos. E, por consequência, dificultando o fortalecimento de pesquisas e negando direitos civis.

A educação necessita estar vinculada aos objetivos estratégicos de um projeto que busque não apenas a inclusão nessa sociedade desigual, mas também a construção de uma nova sociedade fundada na igualdade política, econômica e social. (PACHECO E., 2011, p. 8)



## 6.2 Questionário com público geral

Após as observações e pesquisas, foi elaborada uma série de formulários, para coleta de dados com pessoas tanto dentro quanto fora do meio canábico. Os indivíduos cujo papel foi considerado essencial para o desenvolvimento do projeto.

A partir dessas pesquisas apresentadas em canais e grupos de comunicação como: Instagram e Whatsapp, obtive resultados para o aperfeiçoamento do projeto.

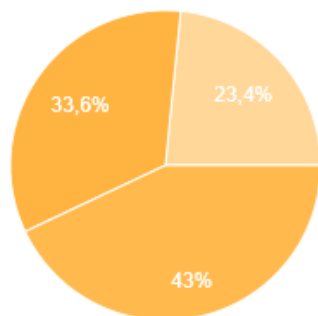


Figura 14 - Gráfico "Você escuta podcast?"

Fonte: Elaborado pela autora

O gráfico acima corresponde a pergunta: "Você escuta podcast?" e das 128 respostas obtidas, 33,6% escuta às vezes, 23,4% não escuta e 44% escuta.

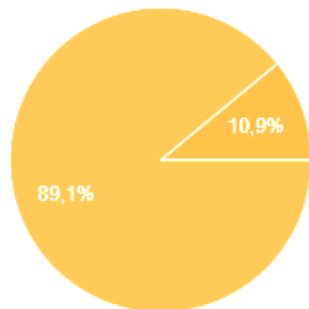


Figura 15 - Gráfico "Você escutaria um podcast sobre Cannabis?"

Fonte: Elaborado pela autora

Dentro dos 44% que escutam podcast, o gráfico acima representa 89,1% disse que sim, já 10,9% não escutaria um podcast sobre Cannabis.

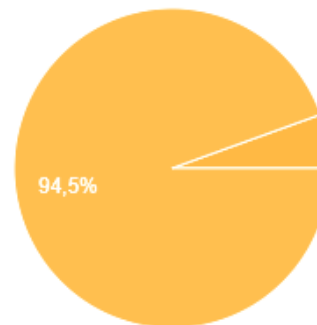


Figura 16 - Gráfico "Para você, as redes sociais podem ser um apoio para os podcasts?"

Fonte: Elaborado pela autora

E ainda dentro dos 44% que escutam, o gráfico acima mostra 94,5% que apoiam o uso das redes sociais como apoio para obter atualizações sobre o podcast.

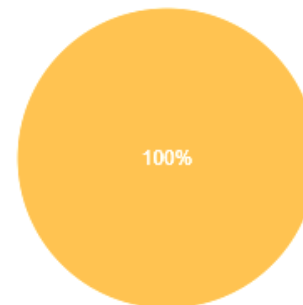


Figura 17 - Gráfico "Para você, as redes sociais podem ser um apoio para os podcasts?"



Fonte: Elaborado pela autora

E ainda dentro dos 23,4% que não escutam podcast, o gráfico acima mostra que todos apoiam o uso de redes sociais por preferirem conteúdo visual.

### 6.3 Pesquisa sobre Cannabis Medicinal

Já em outro formulário realizado em junho de 2022 com o público em sua maioria do meio canábico. E dos dados obtidos, das 200 respostas obtidas 188 conhecem os benefícios da Cannabis para 12 que desconhecem.

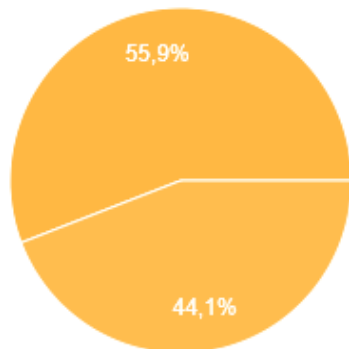


Figura 18- Gráfico “Você usa óleo medicinal?”

Fonte: Elaborado pela autora

O gráfico acima corresponde que dentro das 188 pessoas que conhecem, 55,9% não utilizam o óleo de Cannabis para 44,1% que utilizam. As outras 12 pessoas das 200, desconhecem os benefícios dos canabinoides e todos nunca utilizaram o óleo de maconha.

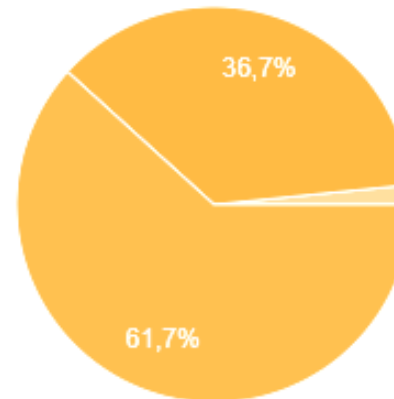
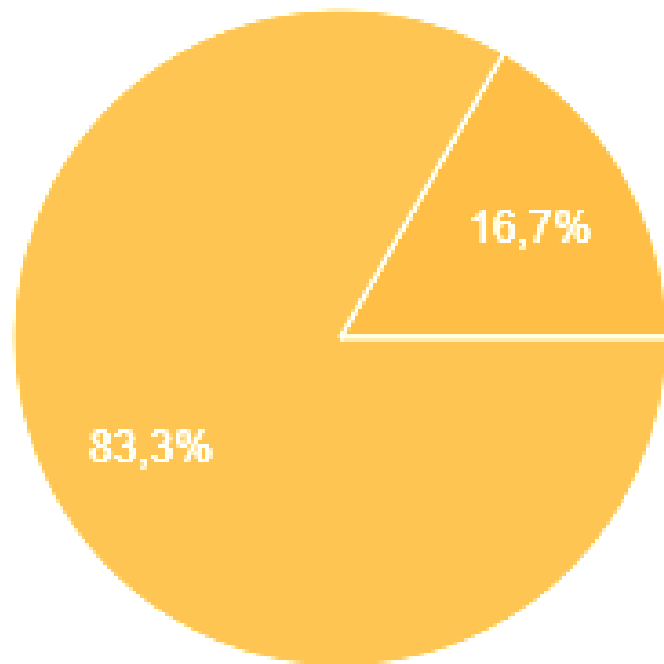


Figura 19 - Gráfico “Você já vaporizou (fumaça) a Cannabis?”

Fonte: Elaborado pela autora

E ainda dentro das pessoas que conhecem os benefícios dos canabinoides, a figura 23 revela que 61,7% já vaporizaram a planta para 36,7% que nunca. E, 1,6% preferiu não responder.



*Figura 20 - Gráfico “Tem vontade de saber mais sobre os benefícios?”*

*Fonte: Elaborado pela autora*

E tomando como ponto de partida, as análises dos formulários e as 83,3% que desconhecem mas desejam saber mais sobre a Cannabis e os seus benefícios e a situação atual em que o país está, manifesto a vontade de desenvolver um projeto em que o acesso a informações verídicas sobre Cannabis e os benefícios dos canabinoides, com o objetivo de atender ao público-alvo da forma mais democrática possível por meio da comunicação.

E para isso, após as pesquisas internas e externas sobre a Cannabis, avancei para as pesquisas de referências de podcasts.

## 7 PESQUISA DE SIMILARES

No Brasil, a maioria dos podcasts lançados possuem perfis no Instagram ou sites com postagens sobre os episódios com links, imagens e informações extras relativas à mídia apresentada ou ainda com textos relativos a outros assuntos, para atrair esse público.

Considero como similares para essa análise: podcasts sobre Cannabis, podcasts informativos e de entretenimento.

### Podcasts sobre Cannabis

**Maconhometro:** podcast do Cannabis Monitor, que é um portal que monitora as notícias sobre Cannabis e compartilha. Um dos principais podcasts sobre Cannabis no Brasil, entrevista pessoas do meio canábico, para informar o ouvinte sobre pautas políticas e sociais. Seu viés é altamente diplomático.



Figura 20, 21 22 - Print das redes do Maconhometro  
Fonte: Spotify (disponível em: <<https://open.spotify.com/show/>> em 06 Set. 2022)



Figura 23 - Print do feed do Instagram do Maconhometro  
Fonte: Instagram (disponível em: <<https://www.instagram.com/>> em 06 Set. 2022)

A paleta de cores dos posts e da identidade visual do podcast são construídas por cores flats. A cor preta de fundo do podcast é característica do streaming Spotify, não sendo possível sua alteração. Portanto, a maioria dos logotipos possuem cores contrastantes com o fundo.

**Rádio Hemp:** o podcast em parceria com a Associação Santa Cannabis possui um viés medicinal, que é uma web rádio disponível no Instagram e URL, para os ouvintes ficarem sintonizados 24h por dia. O podcast tem cunho medicinal e informativo sobre a associação, com pautas relevantes e atuais sobre a Cannabis Medicinal, como se fosse um noticiário de maconha.

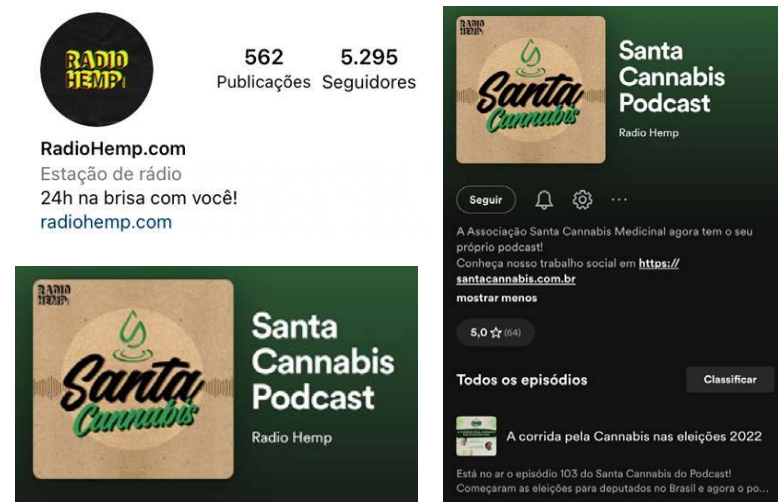


Figura 24, 25 e 26 - Print das Rádio Hemp  
Fonte: Spotify (disponível em: <<https://open.spotify.com/show/>> em 06 Set. 2022)

A paleta de cores dos posts e da identidade visual do podcast são construídas pela cor verde, preta e nude. O perfil unicamente do podcast não existe, apenas é compartilhado na rede social da Rádio e Associação. Ficando destacado no perfil como mostra a figura 28 juntamente com outros programas da rádio.

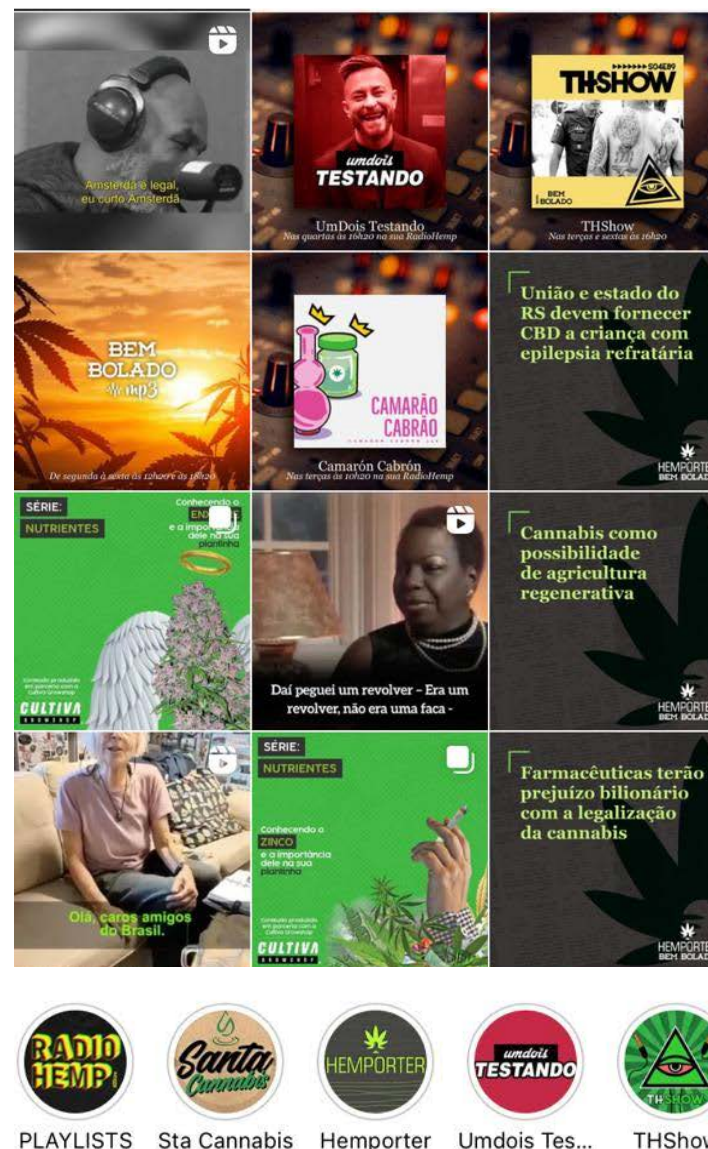


Figura 27 e 28 - Print das redes do Rádio Hemp  
Fonte: Instagram (disponível em: <<https://www.instagram.com/>> em 06 Set. 2022)



*A Planta que Cura*: podcast da empresa RIC Podcasts, que possui os melhores conteúdos de podcasts do Paraná lançou recentemente um podcast sobre Cannabis Medicinal. Nele, os entrevistados geralmente em grupo, contam relatos sobre a planta, sobre o uso exclusivamente medicinal.



Figura 29, 30 e 31 - Print do Podcast

Fonte: Spotify (disponível em: <<https://open.spotify.com/show>> em 06 Set. 2022)

A paleta de cores dos posts e da identidade visual do podcast são construídas pela cor verde e dourado, remetendo à cor do óleo medicinal de Cannabis. Na marca do podcast utilizam o pingo da gota como elemento complementar. O perfil exclusivo para o podcast não existe, apenas da empresa do podcast Ric Podcasts, onde são compartilhados os cortes e posts sobre os episódios.

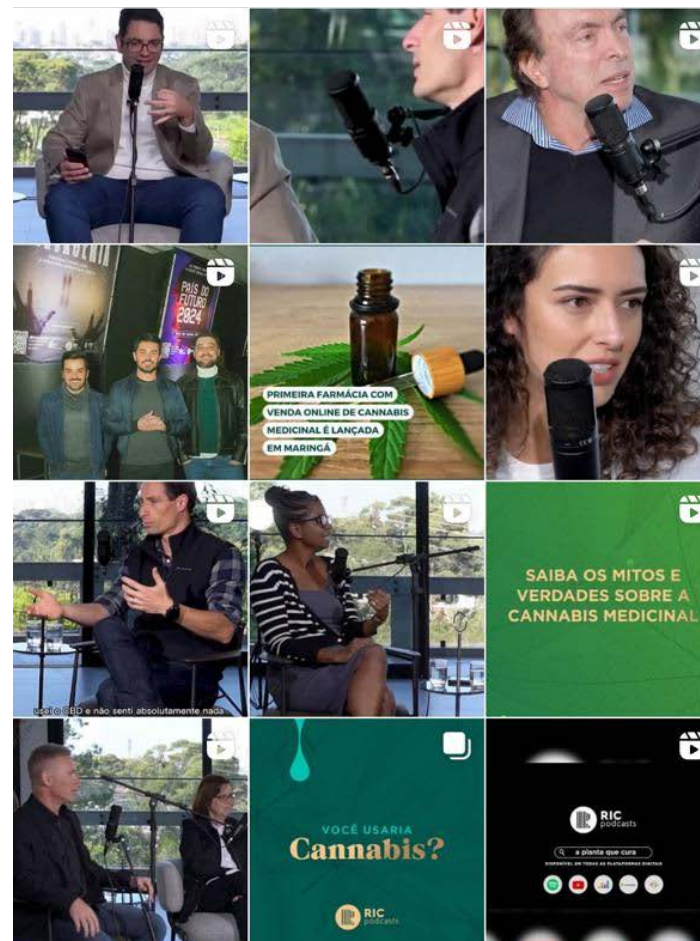


Figura 32 - Print do Podcast

Fonte: Instagram (disponível em: <<https://www.instagram.com/>> em 06 Set. 2022)

## Podcasts informativos

Café da manhã: podcast sobre notícias matinais é uma parceria entre Folha de S.Paulo e Spotify. Os hosts do podcast são os jornalistas Magê Flores, Maurício Meireles e Bruno Boghossian apresentando os assuntos do momento no Brasil e no mundo. As redes sociais do jornal são dedicadas às matérias noticiadas no jornal impresso e não mencionam o podcast. Portanto, o podcast é exclusivo do streaming Spotify.



Figura 33 - Print do Podcast

Fonte: Spotify (disponível em: <<https://www.instagram.com/>> em 06 Set. 2022)

.A paleta de cores é utilizada por cores fortes e contrastantes: amarela e preta. Com o fundo de folha de jornal, o ouvinte tem a sensação de estar lendo um jornal de forma mais dinâmica. Ou seja, como se alguém estivesse lendo para ele.



Figura 34 - Print do Podcast

Fonte: Spotify (disponível em: <<https://www.instagram.com/>> em 06 Set. 2022)

## 8 PROJETO GRÁFICO

### 8.1 Marca



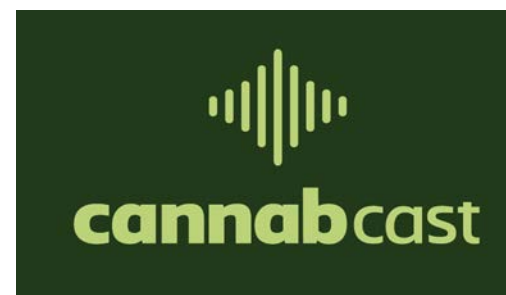
A marca do podcast é composta por 2 partes: o campo superior, onde são incluídos os diversos elementos gráficos, formando as diferentes versões da marca e o campo inferior com o logotipo "cannab cast".

Apresenta-se em diferentes versões para atender a todas as necessidades de layout ou recursos de impressão. Portanto, ela pode ser usada sozinha, com sua assinatura horizontal com ou sem elementos. São elas: a versão colorida e em traço.

#### Marca em versões coloridas

A marca e suas versões coloridas são usufruídas preferencialmente, nas capas dos episódios ou nos posts do Instagram.

**cannabcast**





#### Marca em preto e branco ou em traço

Já para a sua versão em traço, utilizadas na capa do perfil do Podcast ou como elemento de algum perfil.

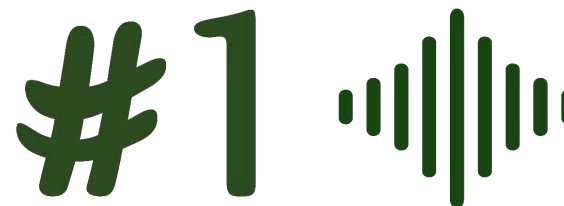


*Traço positivo e negativo*



#### Ícones da Marca

A diversidade da marca é transmitida pelo uso de diferentes elementos gráficos, que mudam conforme a necessidade de aplicação. Que são eles: ondas sonoras e # com o número ao lado, indicando o número do podcast.



Outro elemento gráfico desenvolvido como de apoio para a comunicação dos posts é a barra abaixo:



#### Logotipo

O logotipo da marca é composto apenas pelas palavras "cannab cast", usada isoladamente ou com os elementos gráficos.

**cannabcast**



Na tipografia é utilizada a fonte *Kanit*, é uma tipografia sem serifa com estilo arredondado. Para a palavra “cannab” é escolhido sua versão em bold, e para “cast” sua regular. A tipografia sofreu algumas alterações para melhor conformidade do logo.

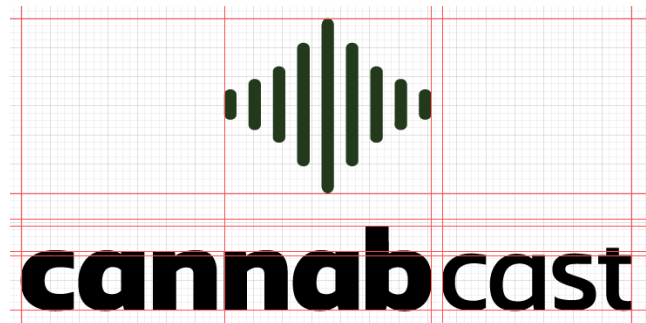
**abcdefghijklmnopqrstuvwxyz**  
**ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ**  
**0123456789(!@#\$%&.,?;:)**

abcdefghijklmnopqrstuvwxyz  
ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ  
0123456789 (!@#\$%&.,?;:)

*Família tipográfica Kanit*

### Grid

A grid foi desenvolvida após estudos para melhor relação das ondas com o logotipo. E também, para realizar as alterações necessárias na tipografias como: corte da ponta do “c”, “t” e “s”.

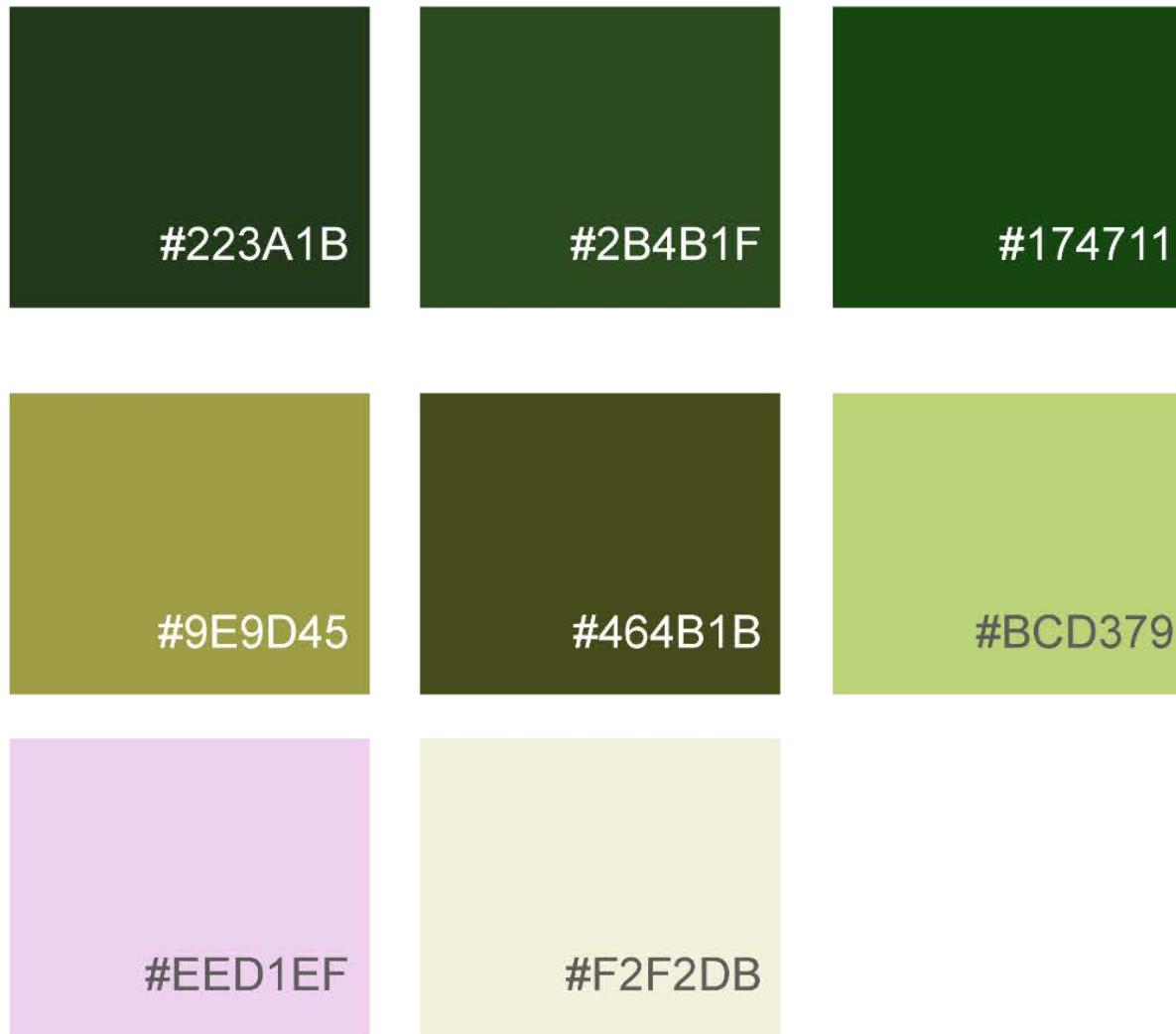


### Paleta de cor

A paleta de cor é de suma importância na hora do desenvolvimento da marca. E a escolha foi feita a partir das minhas experimentações para o desenvolvimento da capa do Podcast (figura 39), em que seleciono os tons de verde da planta da Cannabis e a luz que reflete por conta do scan. Para suas aplicações, deve-se respeitar os códigos hexadecimal (internet) pois a marca foi desenvolvida unicamente para versão digital.



Figura 35 - Aplicação da marca na capa do Podcast



*Paleta de cor da marca*

### Proporções do uso do logotipo

Para estabelecer as relações de proporção entre os elementos e o tamanho da marca. Deve-se usar a seguinte proporção: cada redução da marca possui 5cm de redução em relação à anterior. Ou seja, cada centímetro acrescido na altura aumenta em 5cm. Então, a maior com 25cm de altura e a menor com 5cm de altura. A proporção é demonstrada pelos exemplos a seguir.

O limite de redução para mídia digital possui 1cm, sendo assim, a marca completa nunca deverá ser utilizada com redução inferior a 1 cm de altura. Em pixels (utilizada para elaboração de mídias eletrônicas) o limite máximo de redução é de 265 x 35px.



## 8.2 Esboço

A internet é o elemento transversal presente no ensino e na pesquisa numa perspectiva radicalmente democrática e de justiça social. E após sua criação, muita coisa mudou, a tecnologia nasce para transformar nossa realidade. A maioria dos podcasts possuem como foco aspectos políticos, comunicacionais e tecnológicos. O que é agregador para nossa realidade, em que a sociedade está em constante transição.

Hoje em dia, conseguimos nos inteirar sobre um assunto importante e realizar outras tarefas em conjunto, algo que é bom mas ao mesmo tempo prejudicial para construção das novas gerações, em que absorvemos um conteúdo de maneira tão rápida, e vivenciam aquilo e em questão de segundos já estão falando sobre outro assunto.

Devemos ser conscientes pela forma que consumimos diversos conteúdos. E para isso acontecer, devemos debater sobre esse assunto em locais como escola para que essa transformação ocorra, mesmo que de forma lenta.

A riqueza dos conteúdos que um podcast ou perfil do Instagram nos fornecem não deve ser engavetado na pasta “salvo” do seu perfil. Devemos ir além do meio digital e fomentar debates em meios acadêmicos, pesquisas e rodas de conversa com familiares e amigos.

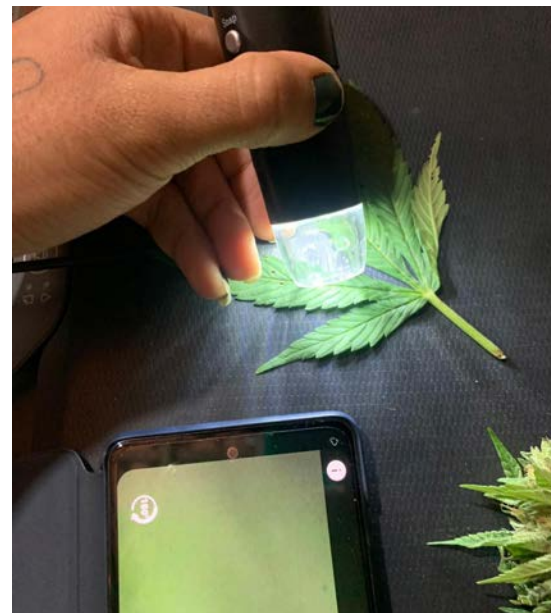
No decorrer do desenvolvimento do projeto, minha marca mudou bastante. Ao lado, selecionei os principais esboços.



*Testes iniciais*

### 8.3 Experimentações

Para realizar minhas experimentações eu utilizei um scan e coloquei nele, a planta e realizando movimentos imitando uma onda sonora, obtive capturas escaneadas. Depois de realizar diversos testes, encontrei uma velocidade em que a flor da planta ficava exatamente como eu almejava. Após coletar as imagens, peguei a mesma flor e folha e tirei fotos com um microscópio portátil. Segue as imagens do processo:



Alguns resultados das experimentações após o processo de scan e captura do microscópio.



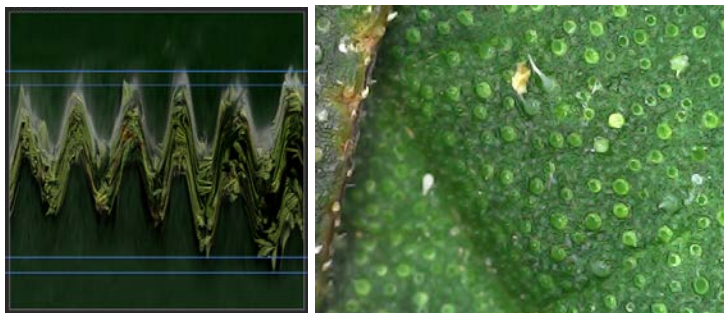




Após realizar essas experimentações, fiz alguns testes utilizando os filtros de duotone, como mostra as imagens. Apesar de gostar bastante dos resultados, preferi seguir outro caminho, retrato a seguir.

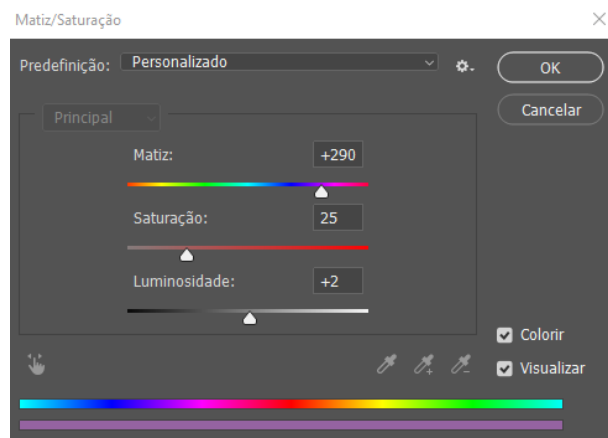


## 8.4 Construção da Identidade visual do podcast

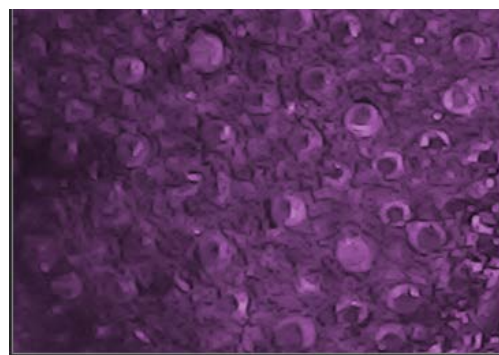
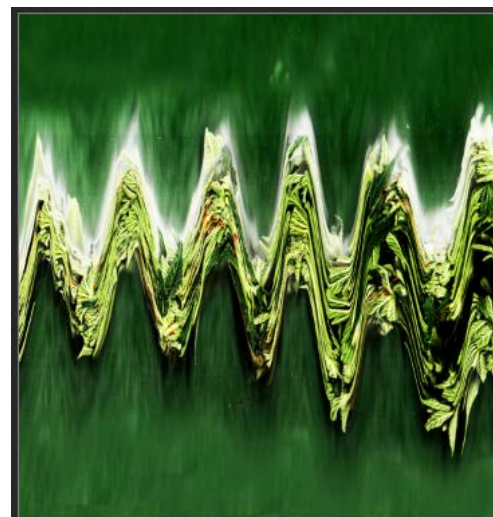


*Sem edição*

Após a captura da imagem pelo scan e microscópio, utilizei o aplicativo Photoshop para edição da imagem. Apliquei edição de brilho, contraste, curvas e exposição nas imagens do scan. E nas imagens do microscópio, ampliei e apliquei filtros de edição de cor matiz/ saturação > colorir.

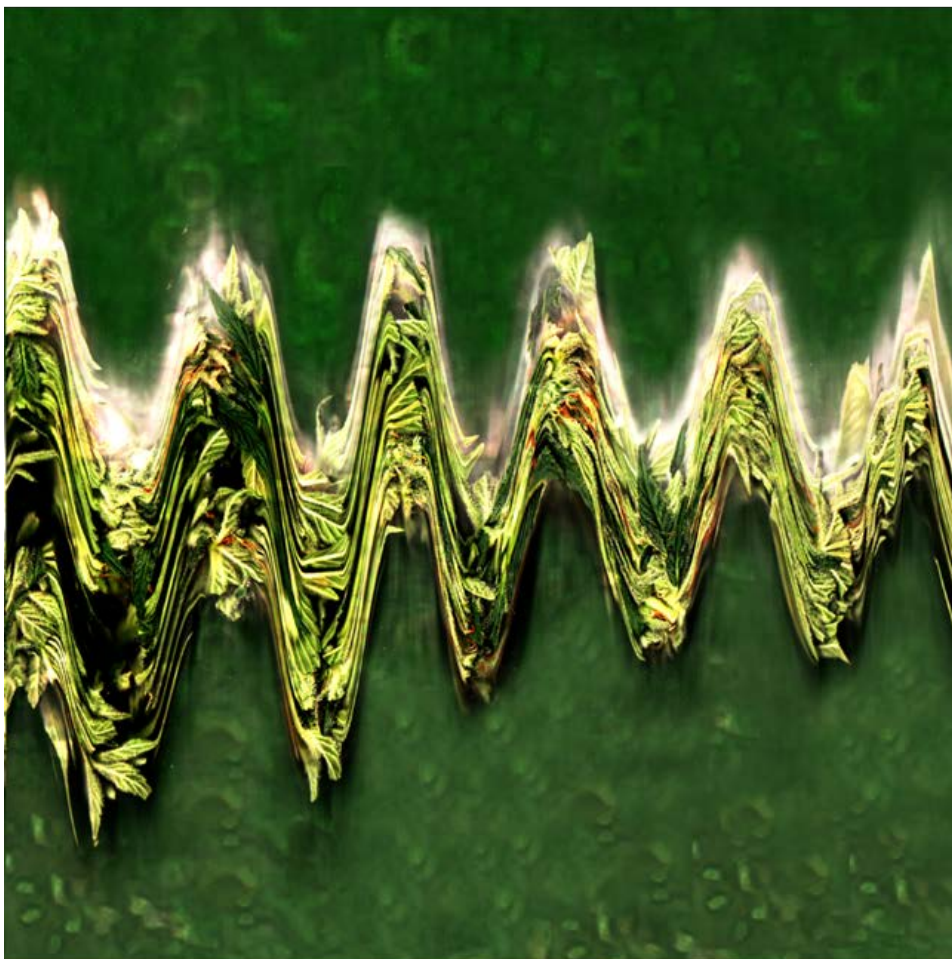


Após a modificação da cor, aumentei seu contraste e com essa camada, alterei sua transparência (20%) amplifiquei (zoom in) como mostra a imagem abaixo após a aplicação dos filtros. Já para a imagem de scan das ondas sonoras, trabalho sua uniformidade, contraste, iluminação e cor.



*Imagens após aplicação dos filtros*





Como conjunto final da identidade visual, fiz uma camada de transparência, como se fosse uma película das ondas sonoras com a imagem capturada com o microscópio. Ambas as imagens podem ser usadas para a identificação do podcast.

## Podcast

Além da identidade do canal do podcast, os episódios possuem capas para sua identificação. E para isso, são utilizados os elementos gráficos para sua composição.

Os números que identificam cada podcast, tiveram sua tipografia transformada com o uso da deformação, para o símbolo da # remeter a uma folha (elemento extraído da marca).

O uso da imagem para identificação de cada entrevistada. E a tipografia destacada, constituem o elemento principal do podcast, que nada mais é que o assunto a ser tratado naquele episódio e quem será entrevistado.

A paleta de cor dos episódios é a mesma utilizada para a elaboração dos layouts do Instagram, mostrada a seguir.



*Capa do primeiro episódio do podcast*

## 8.5 Construção da Identidade visual para o instagram

O perfil do Instagram possui uma paleta de cores diversificada, para sua utilização e dinâmica nos posts. Muitos perfis, utilizam cores chapadas no fundo para obter bastante contraste com a informação que se é passada. No começo, fiz alguns testes como mostro abaixo, e não gostei de quase nenhum.

### Esboços iniciais



### Moodboard

E foi utilizando o moodboard, que obtive um painel de elementos e cores, que possuem características que remetem à natureza do meu trabalho final, ou seja, conversa com a identidade do podcast.

É o foco principal da inspiração para a selecionar as cores, foi a circulo cromático das cores dos terpenos da Cannabis. Além disso, é notável uma linguagem visual comum entre as comunicações sobre o universo canábico.

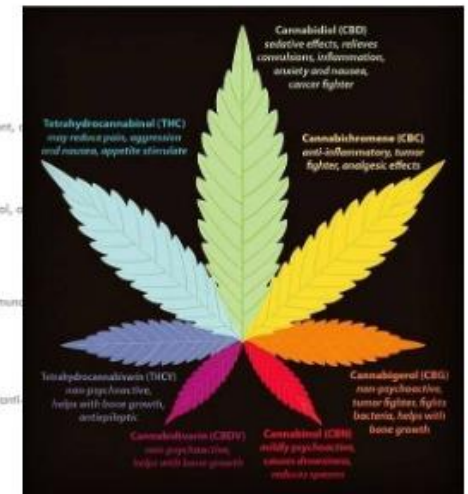
E a partir do painel, reconheci pontos que inseri na minha identidade final, sendo eles: diversidade das cores, dinamismo, alto contraste, uso de ilustrações, tipográficas em destaque e colagens de elementos fotográficos.





A stylized illustration of a martini glass with a red ribbon tied around it, set against a background of green leaves and a red apple. A small bowl of green dip is also visible.

Terpene	Effects
Bisabolol	anti-inflammatory, anti-irritant, anti-microbial
Valencene	antiallergic, anti-inflammatory, anti-melanogenesis
Trans-nerolidol	anti-cancer, anti-microbial, anti-oxidant
Terpinolene	anti-bacterial, anti-fungal
Phytol	anti-insomnia, immune
Pinene	anti-depressant, anti
Mircene	relaxing, sedating
Eucalyptol	anti-bacterial, anti-fungal
Delta 3 Carene	antibacterial, bone stimulant
Caryophyllene	anti-inflammatory
Camphene	anti-oxidant, skin lesion
Borneol	antiseptic, anti-inflammatory



miro

51

## Instagram

Em conjunto com o podcast, para formar um sistema. O conteúdo principal do perfil do Instagram é mostrar os pontos principais de cada episódio.

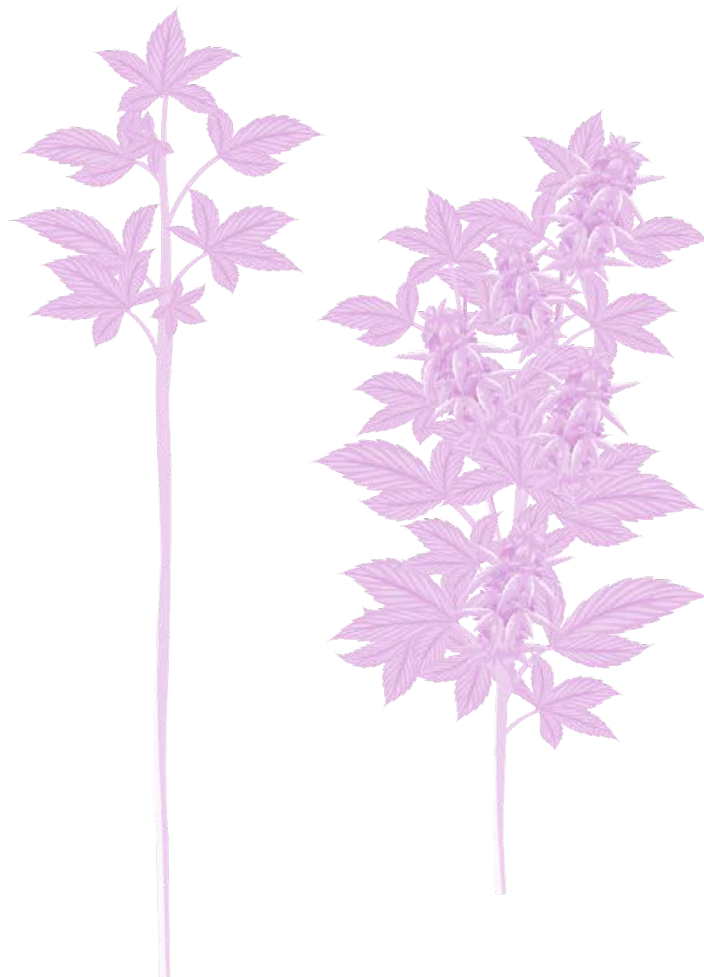
A partir desses pontos, em conjunto com o moodboard, estabeleci a melhor direção para definição da identidade visual. Dessa forma, desenvolvi os layouts testando a paleta de cor, os elementos visuais e a tipografia.

### Paleta de cor



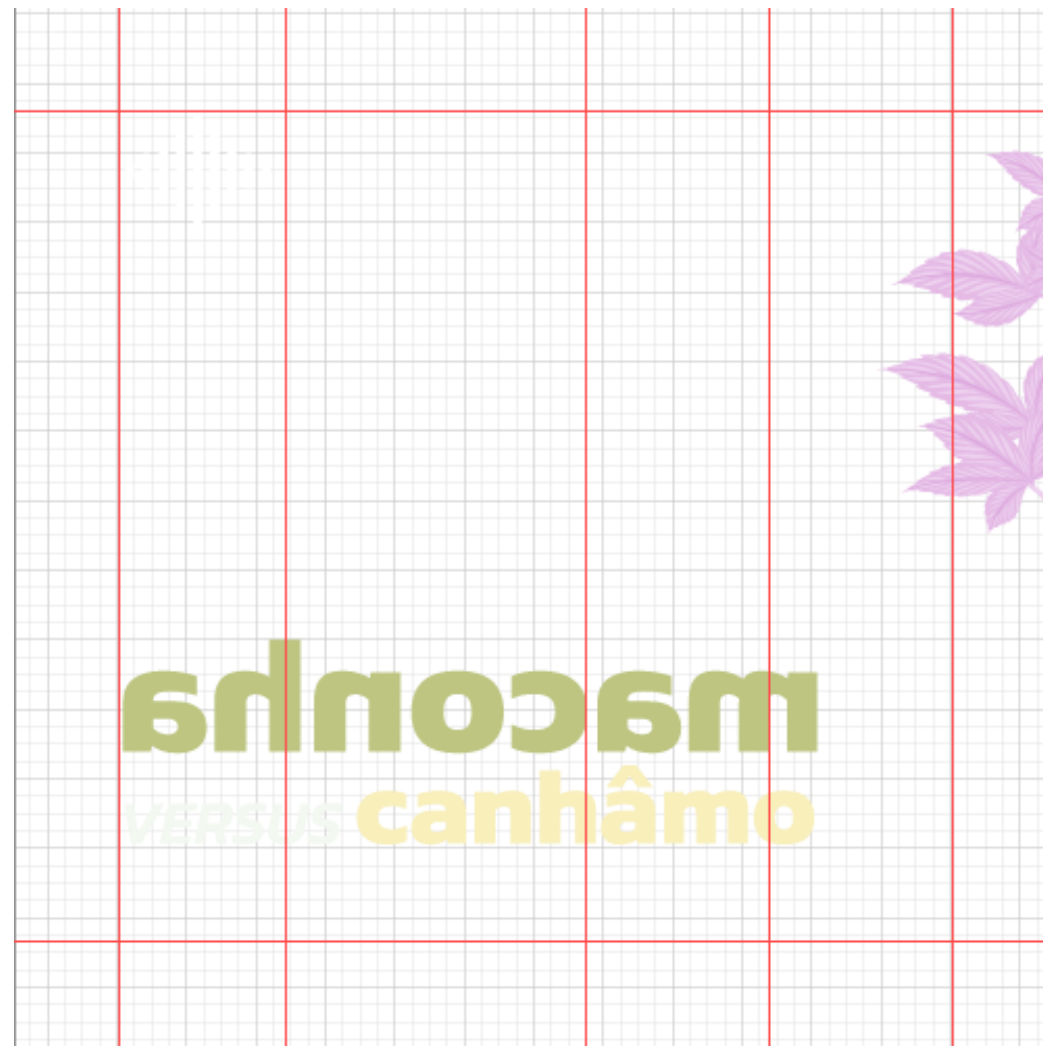
### Elementos visuais

Para composição dos posts, aplico os ícones da marca. Além de ilustrações de plantas da Cannabis. Essas ilustrações foram retiradas de um software que pago a licença e tiveram alterações no seu vetor e cor. Além de gráficos, que são elementos informativos que ajudam a visualizar e entender de forma mais direta o que está sendo dito.



## Grid

A grid foi desenvolvida analisando a margem de segurança, estabelecida para não ocorrer que algum elemento do próprio Instagram, atrapalhe que alguma informação não seja recebida. Essa margem é recomendada, pois o Instagram possui elementos na sua interface que podem atrapalhar a visualização do conteúdo. Os elementos da composição podem ultrapassar as linhas externas diretas para interagir com o próximo conteúdo, transformando uma imagem estática em movimento (ferramenta carrossel do Instagram).



*Grid criado baseando nos elementos do Instagram*

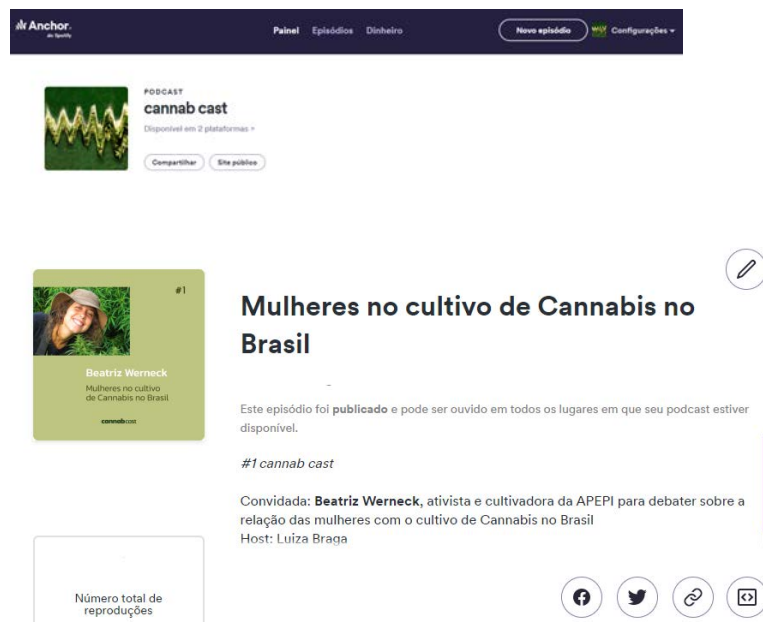


## 9 DETALHAMENTO TÉCNICO

Em 2004, desde o surgimento do podcast em 2004 (SILVA, 2009), existem várias formas disponíveis aos produtores de podcast - conhecidos como podcasters ou hosts - para produzirem seus episódios. Por consequência, dando liberdade para sua produção e facilidade para reprodução por parte dos ouvintes.

### Plataforma - Anchor

Para a realização do projeto, estou utilizando a plataforma Anchor, disponível de graça. Nela é possível gravar com outras pessoas, editar áudios, importar e exportar áudios. Além disso, distribui os episódios nas plataformas de streaming de graça.

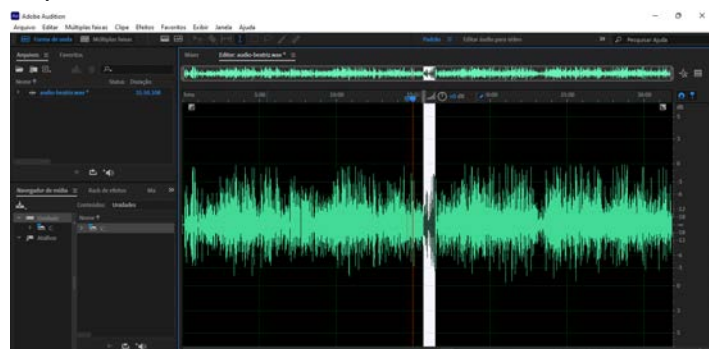


## Roteiro das entrevistas

Para melhor aproveitamento das entrevistas, escrevi um roteiro que compartilho com a entrevistada e assim, seguimos no decorrer da gravação o roteiro de forma dinâmica e organizada. Os roteiros das gravações seguem em anexo.

## Edição - Audition

Após a gravação Para a edição dos áudios do podcast, estou utilizando o aplicativo da Adobe de edição de áudios - Audition, disponível.

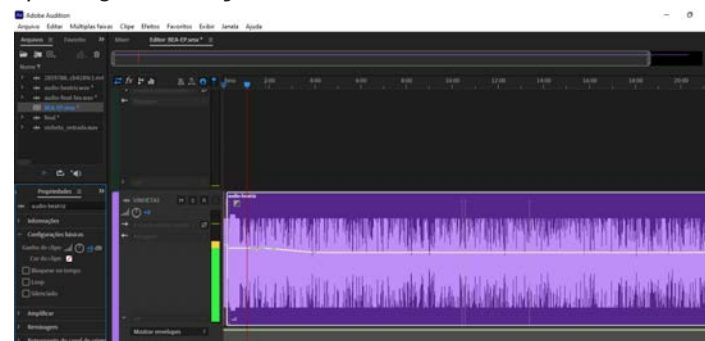


*Importação do áudio sem edição*

Após diversos testes, para a edição final utilizei os seguintes efeitos e filtros de áudios na seguinte ordem: amplitude e compactação > normalizar para 99,1% > redução e restauração de ruído > editar as falas > filtro e equalização > equalizador paramétrico > efeito limitador forte.



*Após algumas edições*



*Áudio final editado*

Realizando a edição, percebi que mesmo tendo os instrumentos necessários como microfone. Ainda é necessário bastante edição para a melhor escuta do ouvinte. Definindo a altura limite dos graves (pico) em até a altura -3db e o volume em 6db. Os retardos para melhor detecção dos internautas em 100ms.

## 10 DEFINIÇÃO DE MÍDIA E FORMATO

Ao definir a mídia e o formato em que o projeto será apresentado ao público alvo, meu principal objetivo é que ele seja democrático e de fácil acesso. Então, os pontos principais para a escolha foram: fácil uso, interface intuitiva, o dinamismo na disposição dos layouts, acesso diário, aplicativos não pagos. Dessa forma, a escolha foi pelo streaming Spotify para a distribuição dos episódios e pela rede social Instagram para a disposição dos conteúdos.

### Spotify

Após análises dos episódios já mencionados acima, observei que os podcasts são longos em até 40 min. No entanto, como desejo furar a bolha, nessa fase inicial, a ideia é que os episódios tenham até 25 min de duração.

### Formato

Capa dos episódios formato e perfil: 1080x1080px

Áudio em mp3

### Instagram

O Instagram é uma rede social que possui diversas ferramentas de interação sendo elas: carrossel, reels, storys, e post no feed estático. A criação das “hashtags - #”, para segmentar diferentes assuntos dentro da plataforma faz com que pessoas consumam conteúdos que desejam na hora que quiser. Basta pesquisar, no campo de pesquisa, a hashtag desejada, como mostra a imagem ao lado e segui-las.

Nessa fase inicial, meu intuito é transbordar o público canábico, então colocarei outras hashtags como: educação, informação, podcast, conscientizar, entre outras.



### Formato dos posts:

Dimensão 4:3: 1080 x 1350 px

Dimensão 16:9: 1080 x 566 px

Dimensão quadrada: 1080 x 1080px

Story e reels: 1080 x 1920 px

## 11 CONTEÚDO DO PODCAST

Como já mencionado anteriormente, as mães canábicas têm suma importância na transformação da visão da Cannabis no Brasil.

E partindo desse ponto, ao pensar em quem seria os sujeitos notáveis para entrevistar no podcast, nada mais justo que ser um podcast 100% com mulheres. Resultando em visibilidade a elas, que muitas vezes, são anuladas. Não só na comunidade canábica mas em tantos outros lugares.

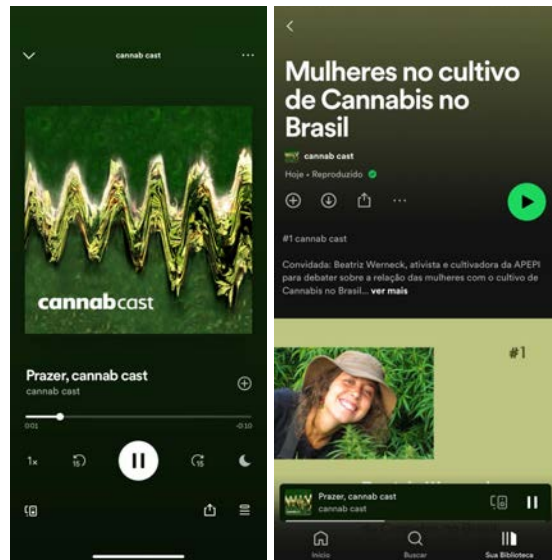
Dessa forma, pretendo realizar entrevistas com essas mulheres do meio canábico. São elas:

- Beatriz Werneck, ativista e cultivadora da APEPI;
- Kali Cannabis, ativista e cultivadora;
- Irene Fonseca, farmacêutica e gestora do Acolhimento da APEPI;
- Monique Prado, cientista social, mãe da Lua, cientista social, ativista e assessora parlamentar;
- Margarete Brito, advogada, ativista, fundadora e diretora da APEPI e mãe da Sofia e Bia;
- Claudete Oliveira, farmacêutica, gestora do Laboratório da APEPI e sócia do Instituto Huomaren;
- Dra Elaine Nunes, psiquiatra e psicanalista, diretora geral da Sociedade Brasileira de Estudo da Cannabis Sativa;
- Dra Paula Dall’Stella, médica e pioneira na prescrição de Cannabis no Brasil;
- Dra Ana Caroline Santana, médica, ativista da saúde e comunicadora no Instagram

O objetivo destas entrevistas, é obter informações, conhecimentos, experiências para o registro de suas memórias. Os roteiros das entrevistas seguem em anexo.

## 12 RESULTADOS FINAIS

### 12.1 Podcast para o Spotify



Para escutar os episódios, leia o QR CODE

A ideia central é disponibilizar os episódios na vida real





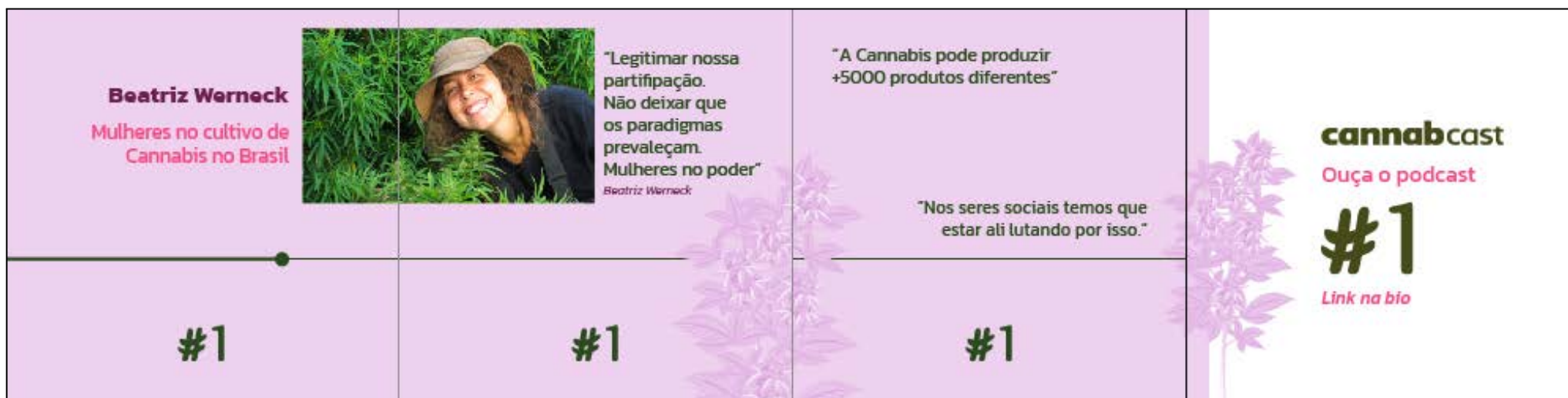
## 12.2 Perfil do podcast no Instagram



A ideia da linha, feita a partir das ondas canábicas, para remeter a ideia do heartz com conceito de Cannabis, para fazer a divisão entre um podcast e outro no feed da rede social. Dando a sensação de estar sintonizado junto com a planta. Na rede social, os episódios ficam disponíveis no link na bio, portanto todos os posts da rede social terá um arte assim:



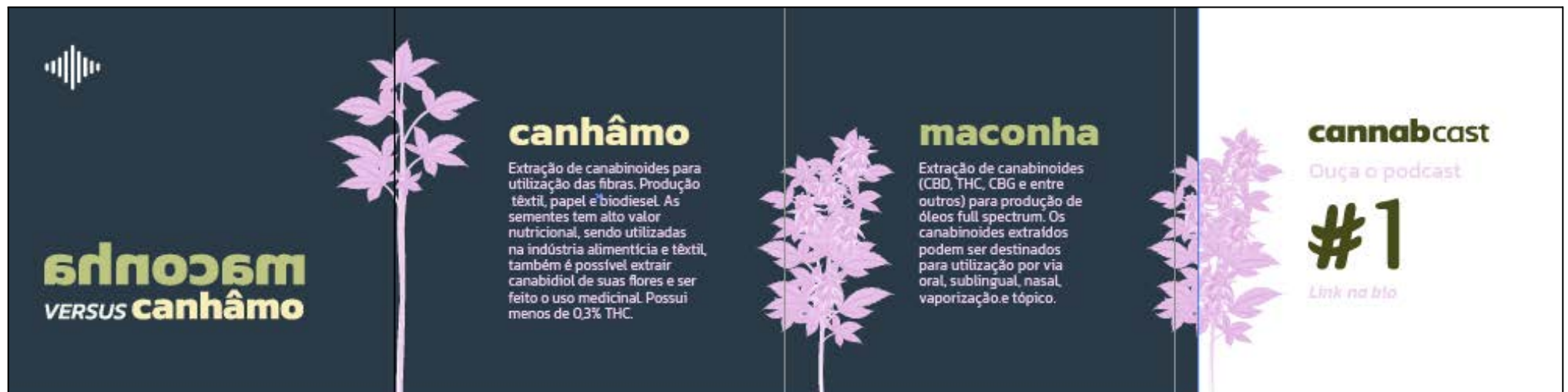
Como se fosse um marcador de livro, para o internauta sempre lembrar de direcionar-se para o link na bio para escutar os episódios. Essa arte nunca ficará sozinha, sempre em conjunto com outros cards, a exemplo:



Cada quadrado desse representa um card, e seu movimento para o lado remete a ideia de imagem em movimento. Em anexo segue o vídeo desse efeito na prática. Os elementos gráficos que compõem a imagem, transmitem a ideia de ouvir podcast com a linha de progressão.



No primeiro episódio com a Beatriz Werneck, um dos assuntos abordados foi o uso do cânhamo. Ele é a mesma coisa que maconha, no entanto o que diferencia-os é o teor de THC presentes. Os EUA, decretou em uma decisão criminal que toda maconha, deve ter o teor de THC acima de 0,3% se o teor for menor, passa a ser chamada de cânhamo. O cânhamo já é cultivado e legalizado em muitos países há muito tempo.



O principal elemento para causar interesse no público, é a forma como a palavra “*maconha*” está disposta no card. Dessa forma, gera o interesse nas pessoas em passarem para o lado e assim, o principal objetivo do card que é levar informações para o maior número de internautas é alcançado.

### 13 DESDOBRAMENTOS FUTUROS

O podcast deverá continuar após a realização do trabalho de conclusão. E como desdobramentos, fomento pesquisar ferramentas que já ultrapassam a bolha canábica de forma mais rápida e direta, como é o caso do *reels*<sup>25</sup>. ferramenta do Instagram que prioriza no seu algoritmo conteúdos relevantes baseados no seu perfil e fora dele. Dessa forma, as publicações possuem um maior alcance orgânico feitas pelo ferramenta *reels*.

No entanto, não gostaria de restringir apenas para as redes sociais. E, por consequência disso, desejo e acredito que como próximos passos para a continuidade do projeto, é a construção de um site (URL), estilo *blogs* em que ficam dispostos todos os conteúdos do Instagram de forma mais extensa e detalhada, direcionada apenas para os internautas que desejam explorar detalhes específicos sobre o tema. Porque essa ferramenta ainda não existe na língua portuguesa, seria uma espécie de glossário canábico disponível em um site.

---

<sup>25</sup> Cf. <<https://www.fsb.com.br/>> Disponível em 02 Ago 2022

## 14 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**A mãe que liberou maconha.** Revista Trip. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/homenageados/2015/katiele-fischer>> Acesso em 24 set. 2021.

ASSIS, P. **Podcasting como ferramenta de distribuição de conteúdos digitais via internet.** Caxias do Sul. Intercom, 2010

**Canabidiol é reclassificado como substância controlada.** Ministério da Saúde, 25 de junho de 2015. Disponível em: <<https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/noticias-anvisa/anos-anteriores/canabidiol-e-reclassificado-como-substancia-controlada>> Acesso em 24 set. 2021.

CANÔNICA, R.; PEIXE, R.; SANTOS, A.; KOHLS, C. **Relações entre o Design participativo e princípios pedagógicos freireanos.** São Paulo: Editora Blucher, 2014.

CARNEIRO, H. **Drogas - A História do proibicionismo.** Editora: Autonomia literária, 2018.

Carvalho, K.; Saldanha, G. **O som que o documento tem: o podcast e o princípio monográfico.** Rio de Janeiro, 2018.

DEL BIANCO, N. **Rádio digital no Brasil: indecisão e impasse depois de 10 anos de discussões.** Edição Julho, 2011.

Design e Opressão. **Paulo Freire tem a ver com design?** Youtube, 14 de julho de 2020. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=qv-T0r7oMnw>>

**Dossiê completo sobre maconha: entenda as consequências do uso.** Hospital Santa Mônica. Disponível em: <<https://hospitalsantamonica.com.br/dossie-completo-sobre-maconha-entenda-as-consequencias-do-uso>> Acesso em 24 set. 2021.

Drauzio Varella. **Mitos e verdades da Cannabis Medicinal com Carolina Nocetti.** Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=plJd00hPDlo>> Acesso em 09 set. 2022

**Em 5 anos, 103 crianças foram baleadas e 30 morreram vítimas da violência no Rio.** CNN Brasil. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/em-5-anos-103-criancas-foram-baleadas-e-30-morreram-vitimas-da-violencia-no-rio/>> Acesso em 05 set. 2022.

FRANÇA, J. **História da maconha no Brasil.** São Paulo: Editora Três Estrelas, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Editora: Paz e Terra, 2014.

GOULARTE, Amanda. **7 exemplos de TICs na Educação e os benefícios de usar essas tecnologias em suas aulas.** Blog Flexge. Disponível em:

<<https://blog.flexge.com/tics-na-educacao/>>

Acesso em 24 set. 2021.

GREEN, Girls. **Maconha é terapêutica ou medicinal?** Revista Elástica, 20 de maio de 2022. Disponível em: <<https://elastica.abril.com.br/especiais/maconha-te-rapeutica-medicinal-efeitos-recomendacoes/>>

Acesso em 24 set. 2021.

GREEN, Girls. **Maconha, ansiedade e suas relações complexas.** Revista Elástica, 16 de setembro de 2021. Disponível em: <<https://elastica.abril.com.br/especiais/maconha-a-nsiedade-cannabis-girls-in-green/>> Acesso em 24 set. 2021.

HOLLAND, J. **The Pot Book.** Estados Unidos: Park Street Press, 2010. Tradução pela Editora Vista Chinesa.

IBARRA, M. C. **Entrelaçando design com a antropologia: engajamentos com um coletivo de moradores do bairro de Santa Teresa no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, 2018.

**Livreto Educacional.** APEPI. Disponível em: <<https://www.apepi.org/livreto/>> Acesso em 24 set. 2021.

MAURO, S. **A militância pró legalização da cannabis e o movimento social Marcha da maconha Brasil – apontamentos de um fazer militante entre a política e o mercado.** Instituto de Investigaciones Gino Germani, 2011.

MESSIAS, Carlos. **Deus é canabista.** Revista Elástica, 28 de julho de 2020. Disponível em: <<https://elastica.abril.com.br/especiais/padre-maconha-canabidiol-religiao/>> Acesso em 24 set. 2021.

OLIVEIRA, Jordane. **Proibicionismo e o uso da maconha.** Jus Brasil. Disponível em: <<https://canalcienciascriminais.jusbrasil.com.br/artigos/764607017/proibicionismo-e-o-uso-da-maconha>> Acesso em 24 set. 2021.

PACHECO, Alex. **A estrutura da webrádio.** Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2010.

**Pesquisa palavra Cannabis.** PubMed. <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/?term=cannabis>> Acesso em 10 de dez. 2021.

PRATA, N. **Webrádio: novos gêneros, novas formas de interação.** Editora Insular, 2009.

SABOIA, Gabriel. **Maconha Além do tabu,** 2017. Disponível em: <<https://cbn.globoradio.globo.com/especiais/maconha-alem-do-tabu/>> Acesso em 24 set. 2021.

SILVA, Jundson dos Santos. **Doenças que podem ser tratadas com maconha,** 2013. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/10/conheca-doencas-podem-tratadas-maconha.html>> Acesso em 24 set. 2021.

**STF libera "marcha da maconha".** Supremo Tribunal Federal. Disponível em: <<https://stf.jusbrasil.com.br/noticias/2737214/stf-libera-marcha-da-maconha>> Acesso em 09 set. 2022

SUCENA, L. **Professor José Pacheco provoca e inspira plateia na 9ª Semana da Educação de Campinas**, 2018. Disponível em:

<<https://feac.org.br/>> Acesso em 09 set. 2022

VALLER, Pablo. Medo e preconceito não impedem mulheres de pilotar grandes máquinas. Canal Rural. Disponível em:

<<https://www.canalrural.com.br/programas/informacao/rural-noticias/preconceito-mulheres-maquinas/>

> Acesso em 10 nov. 2021

VANASSI, G. **Podcasting como processo midiático interativo**. Caxias do Sul, 2007.

WERNECK, Guilherme. **Marcha Lenta**. Canal Meio, 10 de junho de 2022. Disponível em: <<https://www.canalmeio.com.br/notas/marcha-lenta/?h=RmVsaxBIIFNPSUNIRVR8MTlwNDU1>>

Acesso em 24 set. 2021.

ZUARDI, Antonio Waldo. **History of Cannabis as a medicine: a review**. Revista Brasileira de Psiquiatria, vol. 28, São Paulo, 2005.

ZUURMAN, Louis. **Marijuana and Madness**. Ed. Robin Murray, 2009.

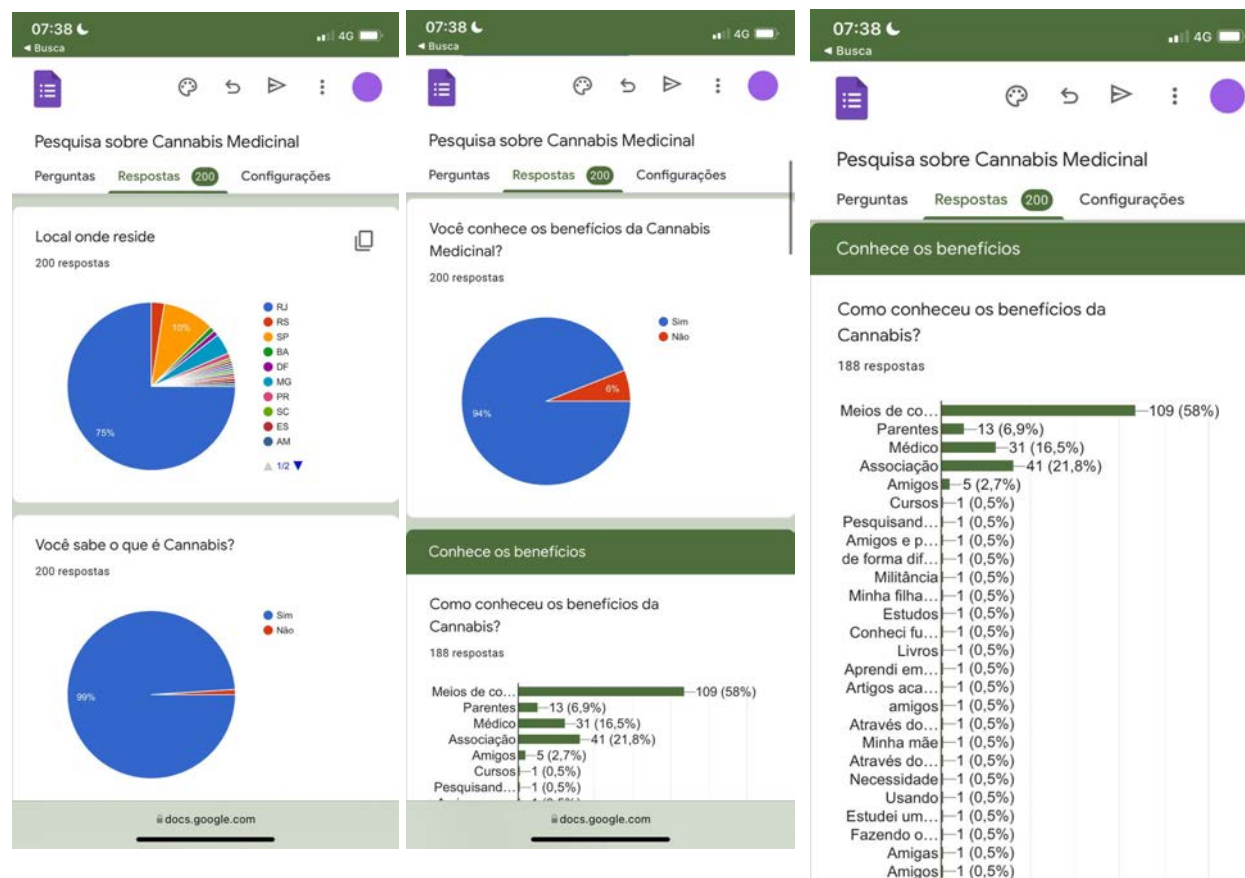
## 15 ANEXOS

Link da entrevista realizadas durante a pesquisa

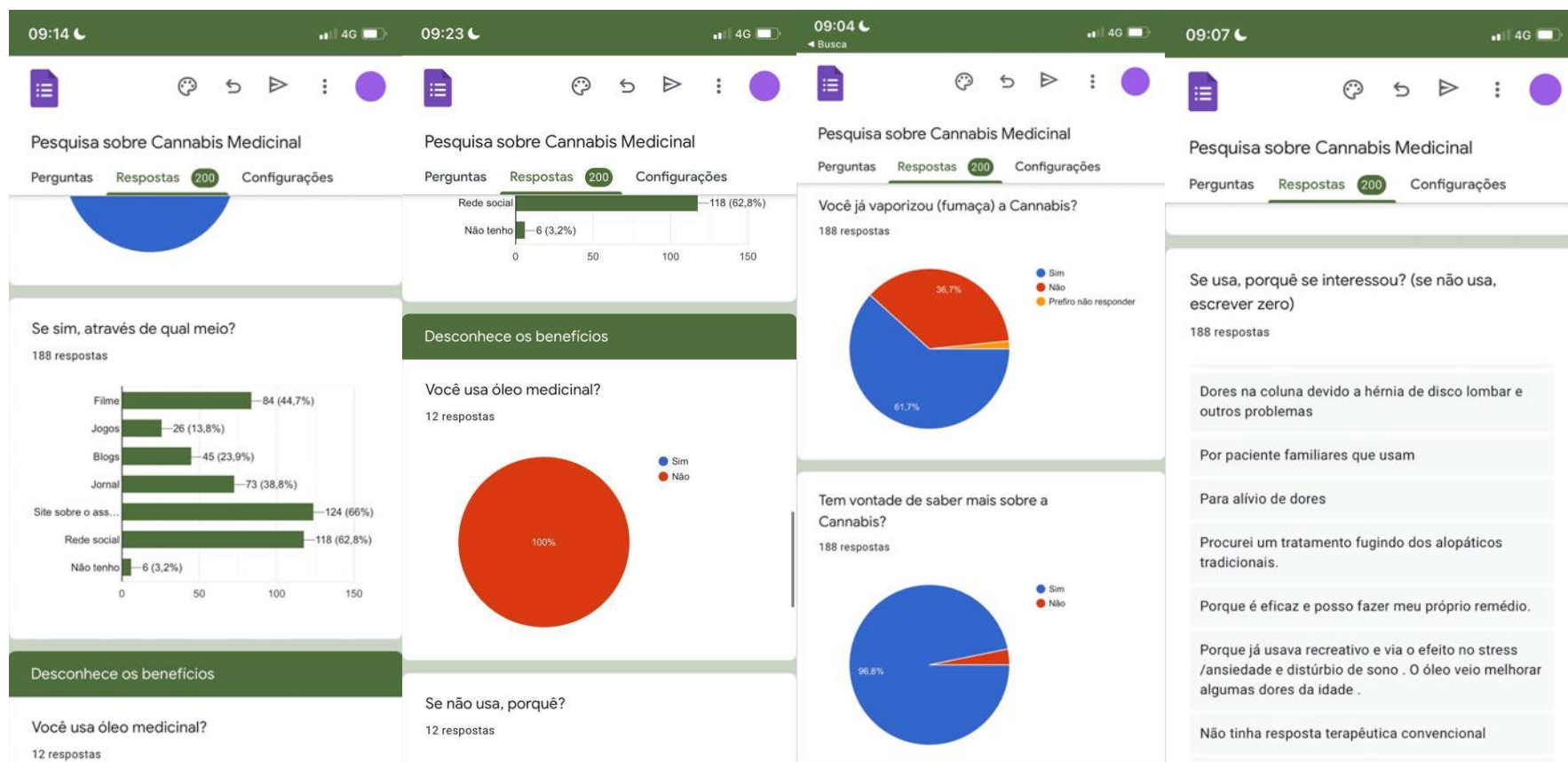
<https://drive.google.com/file/d/176RzgQoylxJTR5OQEXPoc-ptWDosCvze/view?usp=sharing>

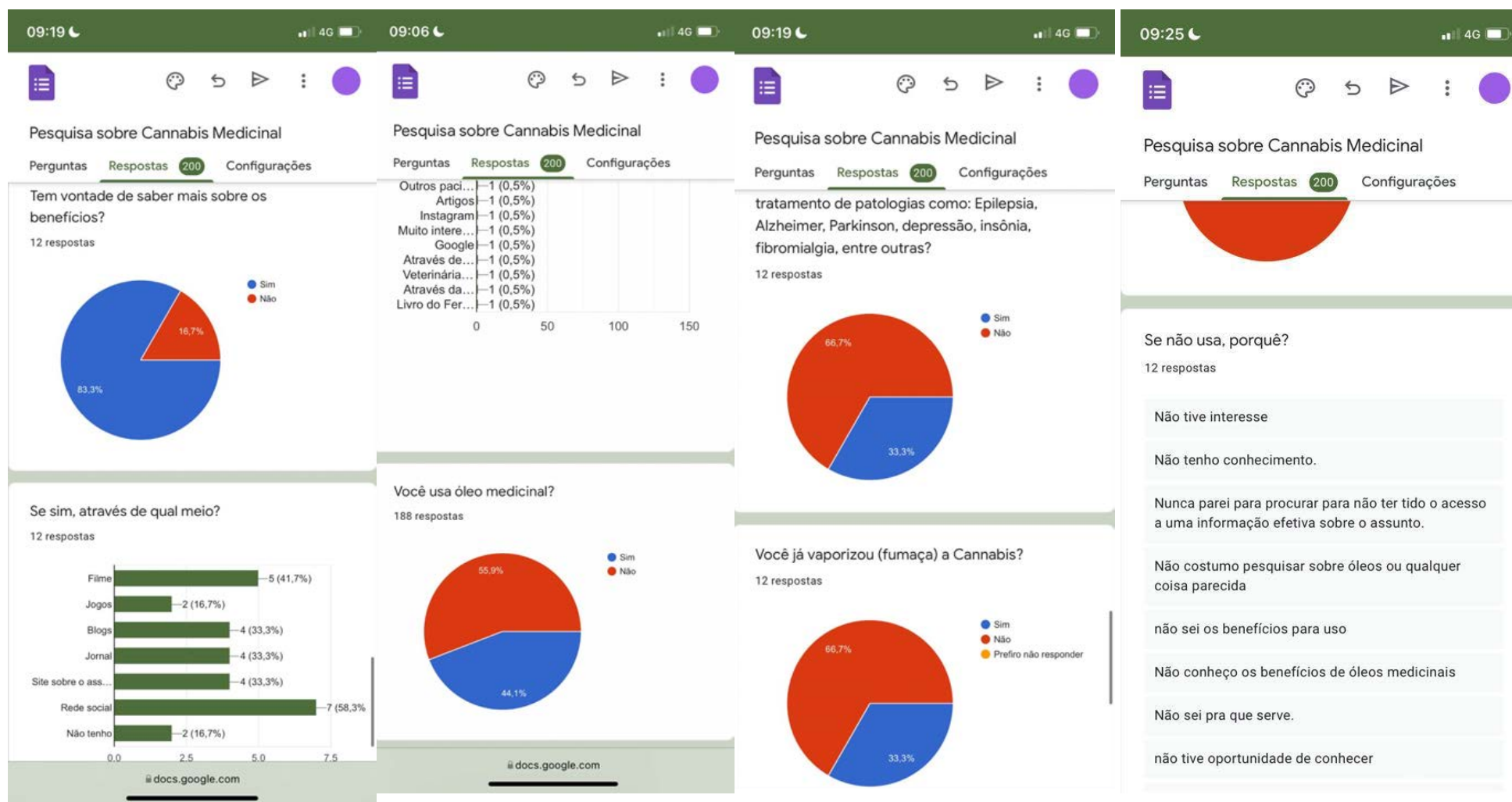
<https://vimeo.com/manage/videos/693135977>

Prints do formulário realizado











## **Roteiro dos episódios: cannab cast**

### **#1 – Beatriz Werneck, ativista, cultivadora da APEPI e**

**Luiza:** Bem vinda Beatriz, começando o Cannab.cast com mulheres canábicas pela luta pela regulamentação da Cannabis e os seus benefícios para a saúde 3

Eu sou Luiza Braga, designer, colaboradora da APEPI e ativista. Hoje, eu recebo Beatriz Werneck, ativista, cultivadora da APEPI e

A proposta desse episódio é conversar com você sobre mulheres no cultivo de Cannabis no Brasil

Me conta um pouco como é ser uma mulher cultivadora de Cannabis em um Brasil proibicionista, onde se tem um histórico preconceituoso e estereotipado de que as mulheres não deveriam exercer essa profissão. De acordo com uma pesquisa feita pela Associação Brasileira do Agronegócio (Abag) foi revelado que 71% das 300 mulheres entrevistadas já sofreram preconceito.

#### **Bia: resposta**

**Luiza:** Você mora em Miguel Pereira, cidade do interior do Rio de Janeiro, onde a plantação de maconha é cultivada. Quando você frequenta os lugares da cidade, você já sofreu algum tipo de preconceito dos moradores?

#### **Bia: resposta**

**Luiza:** Muitos conservadores acreditam que a maconha é a porta de entrada para outras drogas e nega seus

benefícios terapêuticos. Você que é uma mulher que trabalha diretamente na produção da planta que para muitas pessoas traz qualidade de vida, o que vocêalaria para esses conservadores?

#### **Bia: resposta**

**Luiza:** O mercado de cânhamo cresce cada vez mais no mundo, em países como EUA, Chile, Colômbia, Canadá, China que é a maior produtora de cânhamo do mundo, desde 2010. É nítido esse atraso no Brasil, que possui solos ricos para a plantação tanto de maconha como de cânhamo e até hoje se vê obrigado a importar matéria prima de outros países.

\*Curiosidade, galera: o cânhamo é uma planta pertencente à espécie Cannabis sativa, cultivada por suas sementes, fibras e caule. E geralmente, é confundido com a maconha. Para saber mais sobre essa planta acesse nosso perfil do Instagram: @cannab.cast\*

Para você Bia, como reverter essa situação atual do país?

#### **Bia: resposta**

**Luiza:** Atualmente, o estudo científico sobre a Cannabis, cresceu bastante como observamos no gráfico da PubMed, disponível para visualização em nosso instagram: @cannab.cast. E mesmo com esse crescimento, as pessoas ainda negam a eficácia da planta. Porque quando negamos algo, se dificulta e limita cada vez mais o desenvolvimento de pesquisas envolvendo a mesma. Você, como trabalhadora e estudante, utiliza a comunicação mais direta, como posts

informativos, podcasts, vídeos educativos na hora de conversar sobre a Cannabis em lugares conservadores?

**Bia: resposta**

**Luiza:** Recentemente, você participou de um evento em Paty dos Alferes, cidade conhecida como uma das grandes produtoras de tomate. Como foi para você participar desse evento em uma cidade que até então nem sabia que a Maconha poderia ser remédio e trazer benefícios e qualidade de vida?

**Bia: resposta**

**Luiza:** Estou muito feliz por você ter topado participar, Bia. Gratidão! Ficamos por aqui, espero que mais pessoas possam entender mais e mais sobre essa luta pela regulamentação

**Fala final:**

---

---

- **Luiza:** Esse foi o episódio 1 do Cannab.cast, podcast que informa e conscientiza as pessoas sobre a proibição da Cannabis e os benefícios dos canabinoides.

Até o próximo episódio. **A cura é verde!**

## **#2 – Monique Prado, mãe da Lua, cientista social, ativista e assessora parlamentar**

**Luiza:** Bem vinda Monique, começando o Cannab.cast com mulheres canábicas da luta ativista pela regulamentação da Cannabis.

Eu sou Luiza Braga, designer, colaboradora da APEPI e ativista da Marcha da Maconha. Hoje, eu recebo Monique Prado, mãe da Lua, cientista social, ativista e assessora parlamentar.

1. A proposta desse episódio é conversar com você sobre o proibicionismo, você que integra alguns movimentos antiproibicionistas, como a Marcha da Maconha e a Marcha das Favelas.

Me conta um pouco como é ir para rua defender a legalização da Maconha, o fim da proibição das drogas e todas as suas terríveis consequências na vida coletiva no Estado do Rio de Janeiro

**Monique: falar sobre os perigos de ir para rua manifestar-se, sobre defender uma planta tão banalizada – policiais, pessoas encarando, etc.**

**Luiza:** A chegada da Maconha no Brasil, teve um cunho proibicionista e um tanto racista. Na década de 1980, tivemos um episódio marcante na cidade, o famoso Verão na Lata, em que dezenas de latas com maconha foram encontradas no litoral do Rio de Janeiro e algumas partes de SP. Após esse episódio, tudo que era bom virou “Da Lata” como livros, músicas, filmes e artes plásticas.

E observamos que esse proibicionismo existe até hoje, diferente de outros países ou seja ele está enraizado desde a colonização. Me conte um pouco sobre sua visão nessa sociedade proibicionista

**Monique: falar sua visão como mulher preta da relação da Maconha com o racismo. Se isso afeta sua vida e como podemos mudar essa narrativa que existe até hoje**

**Luiza:** Outro marco importante, foi o primeiro Simpósio de Maconha na UERJ, em 1983, debatendo sobre a experiência da droga ser educativa. E o Simpósio propunha exatamente isso, encarar as drogas como canal para experiências e cura, como espaços onde se pode viver as infinitas possibilidades da percepção. Me conta sua visão como cientista social da relação desses espaços com a erva, tão banalizada em alguns contextos.

**Monique: conta sua visão como cientista social da erva com os espaços em que propõe debates e etc. (pode falar da ALERJ)**

**Luiza:** Em 2002, onde ocorreu a primeira Marcha da Maconha do Brasil na cidade do Rio de Janeiro. A manifestação ocorreu de forma individual pela portuguesa Suzana distribuindo sedas carimbadas para pessoas lutarem pela legalização. Mas, hoje a realidade é diferente, de acordo com o artigo 287 do Código Penal: “não impedir manifestações públicas em defesa da legalização de drogas.” Ou seja, possuímos o direito constitucional que garante nossa liberdade de expressão em manifestações. Mas, mesmo com nosso direito garantido, algumas cidades são oprimidas ao realizarem a manifestação.

**Monique: conta brevemente do exemplo de Volta redonda e Brasília**

**Luiza:** Esse ano, a Marcha fez 20 anos de luta pela regulamentação, e ela é a principal ação do movimento social canábico brasileiro. E, mesmo com tanta luta para defender nossos direitos, o Rio ainda é uma das capitais que mais mata e encarcera pessoas por conta da “guerra contra as drogas”. Apesar de alguns países já terem a planta legalizada, ainda observamos muito retrocesso no mundo, como essa guerra que só mata preto e pobre.

**Monique: conta sua visão sobre essa guerra às drogas (livremente)**

**Luiza:** Bom, muito feliz por te receber Monique. Gratidão! Ficamos por aqui, espero que mais pessoas possam entender mais sobre a história e realidade dessa planta. E isso, não existe só no Rio, mas também em alguns países.

**Monique: fala final. Pode falar da Tailândia ter liberado para uso essa semana se quiser**

---

**Fala final:**

**Luiza:** Esse foi o episódio do Cannab.cast, podcast que informa e conscientiza sobre a proibição da Cannabis e os benefícios dos canabinoides.

Até o próximo episódio. **A cura é verde!**



### **#3 – Margarette Brito, advogada, diretora e fundadora da APEPI, ativista e mãe da Sofia e Bia**

**Luiza:** Bem vinda Margarette, começando o Cannab.cast com mulheres canábicas da luta ativista pela regulamentação da Cannabis.

Eu sou Luiza Braga, designer, colaboradora da APEPI e ativista. Hoje eu recebo, Margarette Brito, advogada, diretora e fundadora da APEPI, ativista e mãe da Sofia e Bia.

A proposta desse episódio é conversar com você sobre os benefícios dos canabinoides na vida coletiva.

Me conta um pouco como é conduzir uma associação de Cannabis Medicinal no Rio de Janeiro, uma vez que temos uma demonização dessa planta, que tem dado qualidade de vida para muita gente.

#### **Margarette: falar do seu papel e função na APEPI**

**Luiza:** A APEPI foi fundada por você e seu marido o designer, Marcos Langenbach em 2014, após descobrirem que a maconha poderia ser o remédio para o controle das convulsões de sua filha Sofia Langenbach. Decidiram então, lutar contra o que era considerado tráfico internacional de drogas essa frase diz q eles lutavam contra o tráfico!, a história de vocês foi relatada no documentário Illegal. A APEPI e o documentário foram lançados no mesmo ano, mas a luta já era desde 2013. De lá para cá, muita coisa mudou, já são quase 10 anos de luta. Sobre esses anos, conta um episódio marcante na sua trajetória como mãe ativista.

#### **Margarette: falar episódios marcantes que teve na luta como mãe ativista nesses quase 10 anos**

**Luiza:** Recentemente, em fevereiro de 2022, a APEPI conseguiu autorização para cultivar Cannabis sob os moldes do RDC 18. Após essa autorização o alcance da APEPI está cada vez maior. Muitos desconhecem o que é o RDC 18, pode explicar um pouco o que é isso e como se parece com a Farmácia Viva.

#### **Margarette: explicar o que é RDC 18 e pq é o melhor para APEPI**

**Luiza:** É notável que a APEPI luta para a desmistificação da planta. Você acredita que as redes sociais podem ser um meio facilitador para essa desmistificação?

#### **Margarette: explicar por que a comunicação facilita nessa desmitificação**

**Luiza:** Contra fatos não há argumentos, essa luta pela regulamentação da Cannabis foi intensificada com as mães mostrando para os médicos e deputados sobre os benefícios da planta. Me conta como foi o início dessa luta.

#### **Margarette: falar sobre o começo da luta pela regulamentação**

**Luiza:** A APEPI realizou junto com a FIOCRUZ três edições do Seminário Internacional Cannabis Medicinal: Um olhar para o futuro. Esse ano foi realizada a última edição no MAM do Rio de Janeiro. É nítido a importância do evento no meio canábico para essa desmistificação e pela luta da regulamentação. Esse ano, um dos principais

focos de discussão foi sobre as plantas medicinais falando sobre sua ancestralidade e a farmácia viva. Para você, depois de tudo que aconteceu no pré evento, como foi ver de perto a magnitude do evento e sua importância

**Margarete: falar sobre a importância do evento e como foi para você após**

**Luiza:** Bom, muito feliz por te receber Margarette. Gratidão! Ficamos por aqui, espero que mais pessoas possam entender mais sobre essa luta pela regulamentação

**Margarete: fala final**

---

**Fala final:**

**Luiza:** Esse foi o episódio número # do Cannab.cast, Podcast sobre a luta pela regulamentação da Cannabis e os seus benefícios para a saúde

Até o próximo episódio. **A cura é verde!**

**Efeitos de movimento dos posts do Instagram**

<https://vimeo.com/750650944>

<https://vimeo.com/750650992>